

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO - FACE
CURSO PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - PROJETO
PROFESSOR NOTA 10**

**DENISE FELIPE CARVALHO DE ARAÚJO RA: 4026206/6
EDIVANIA FERREIRA LIMA RA: 4026222/7**

**A CONTRIBUIÇÃO DO FOLCLORE
NAS AULAS DE LITERATURA INFANTIL**

**BRASÍLIA
2005**

DENISE FELIPE CARVALHO DE ARAÚJO RA: 4026206/6
EDIVANIA FERREIRA LIMA RA: 4026222/7

**A CONTRIBUIÇÃO DO FOLCLORE NAS AULAS
DE LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia - Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Projeto Professor Nota 10. Monografia II.

Orientador: prof. Jorge Leite de Oliveira

BRASÍLIA
2005

RESUMO

O tema aqui escolhido vem contemplar a importância e a contribuição do folclore nas aulas de literatura infantil. Sabemos que é na infância que se forma a essência da personalidade, e o folclore inserido à literatura infantil tem influência direta no cotidiano infantil, uma vez que os personagens incentivam a criação de modelos que auxiliam na relação que estabelece com o meio social. Antes de tudo, é preciso que a leitura possa cumprir, e cumpra, um papel emancipatório, pois a criança e o jovem, com a leitura da literatura infantil, devem ter um encontro em plenitude, consigo e com o livro. Hoje em dia não se cultiva mais o hábito de contar histórias, e inserir o folclore à literatura infantil é oferecer ao aluno a oportunidade de penetrar no reino da fantasia. Considerando a criança, o folclore é a melhor forma de verdadeiramente fazê-la conhecer as vidas diferentes do nosso país, de criar consciência nacional e o amor às nossas coisas. Uma significativa parcela dos alunos do Ensino Fundamental e até do Ensino Médio possuem uma leitura deficitária, seja por parte de ajuda ou por desconhecerem a importância de ser um bom leitor. A literatura é uma necessidade de vida cotidiana, serve para melhorar as relações sociais e familiares entre outras, e é um instrumento para o conhecimento do mundo. Hoje, mais do que nunca, é imprescindível e urgente a impregnação na cultura popular daquilo que se escreve para crianças e jovens, e por duas razões principais: a primeira se prende à urbanização e a segunda razão se prende a projeto exposto ou implícito da globalização do mundo. Sentimos que é de extrema importância a disciplina de literatura infantil nos cursos de pedagogia, pois ela possibilita ao educador fazer uma reflexão sobre sua prática. Além disso, oferece recursos para que o professor possa situar-se criticamente diante da realidade histórica, social e cultural que a cerca. Muitas ciências, disciplinas e artes estão intensamente ligadas ao folclore, e, assim a escola primária pode e deve servir-se dele como excelente meio de transmissão de conhecimento, ao mesmo tempo em que revelador da cultura do povo. A cultura precisa ser estudada, porque é objetivo de todos os governos dar ao povo melhores condições de vida. Apropriando-se dos recursos que a literatura infantil oferece, com certeza, muitos professores irão criar espaço de conhecimento reflexivo, de modo que possam, por sua vez, guiar seus alunos na contínua ampliação dos saberes. Esta pesquisa objetiva, basicamente, conhecer as variações populares que se espalham pelas regiões do país, em contato com as lendas e o imaginário do folclore e, assim subsidiar o processo da alfabetização e fomentar a interpretação textual com base na utilização em sala de aula da literatura infantil. Com isso pretendemos levar o aluno a pesquisar as características e importância do folclore na educação, descobrindo as principais manifestações folclóricas do nosso país.

Palavras-chave: folclore, leitura, literatura infantil, contribuição e escola.

Da professora DENISE:

Ao meu esposo FRANCISCO, pela dedicação e carinho a mim dispensados ao período da realização desta obra.

À FRAN, que não mediu esforços em contribuir na realização desta Monografia.

Da professora EDIVANIA:

Com carinho, às crianças que amam ouvir e contar histórias.

Às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 FOLCLORE: DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E SIGNIFICADO.....	9
1.1 Definição.....	9
1.2 Características do folclore	9
1.3 Significado.....	10
1.3.1 Proteção jurídica.....	10
1.4 Folclore verbal: dicas para o estudo do folclore.....	11
1.5 O folclore aliado à educação artística.....	12
1.6 Construindo brinquedos folclóricos nas aulas de educação artística.....	14
1.7 Cantando e aprendendo com o folclore.....	17
1.8 Folclore, a memória de um povo.....	19
1.9 O folclore pede uma reivindicação social.....	22
2 O FOLCLORE BRASILEIRO: IMPORTÂNCIA E INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO...24	
2.1 Uma sugestão para você professor.....	25
2.2 Lendas e mitos do folclore brasileiro.....	27
3 O FOLCLORE NO BRASIL.....	36
3.1 Os objetivos do folclore.....	38
3.2 As diversas variedades do folclore.....	40
4 O FOLCLORE E OS TEMAS ESCOLARES.....	44
4.1 A infantilização da criança.....	47
5 DE QUE MANEIRA A CRIANÇA ENTENDE O FOLCLORE NA LITERATURA INFANTIL.....	48
5.1 Como pode o folclore ser utilizado na escola.....	51

6 ENTENDENDO MELHOR O FOLCLORE.....	54
7 CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, é preciso que a leitura possa cumprir, e cumpra, um papel emancipatório, pois a criança e o jovem, com a leitura de literatura infantil, devem ter um encontro em plenitude, consigo e com o livro. Isto porque, hoje, com a liberdade que se deseja no ato da leitura, pretende-se que a escrita, por parte desse leitor, permita uma participação ativa na construção do texto. O leitor é levado à experimentação de uma outra realidade, uma realidade que se encontra no texto e que tem a missão de integrá-lo ao mundo.

A leitura de literatura deve ser sinônima de espontaneidade e liberdade. Com ela, podem e devem ser conhecidas outras realidades, outras formas de viver, mesmo que distantes, além de realidades e visões de mundo que retratem o período e o ambiente cultural em que o aluno / o leitor está inserido.

Percebe-se que a literatura é e deve ser lazer, porque os bons livros levam a criança e o jovem a outros mundos, a dar vidas a nossos sonhos. Desse modo, o leitor se tornará um ser crítico e o livro será para ele um desencadeador de interesses e curiosidades.

Não há quem não possua, entre suas aquisições da infância, a riqueza das tradições recebidas por via oral. Elas precederam os livros e muitas vezes os substituíram. Em certos casos elas mesmas foram o conteúdo desses livros.

O negro na sua choça, o índio na sua aldeia, o príncipe em seu palácio, o camponês à sua mesa, o homem da cidade em sua casa, aqui, ali, por toda parte, desde que o mundo é mundo, estão contando uns para os outros o que ouviram contar, o que lhes vêm de longe, o que serviu a seus antepassados, o que vai servir aos seus netos, nesta marcha da vida.

O gosto de contar é idêntico ao de escrever, e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Por isso, quando ainda não havia bibliotecas infantis, não era tão grande e sensível a sua falta; o convívio humano as substituíam. Tempos em que a família aconchegada criava um ambiente favorável à formação da criança.

Todos os povos do mundo possuem sua ciência, sua arte, sua literatura e sua religião. Assim, os homens, mesmo inconscientemente, possuem uma alma coletiva, na qual, misturam-se superstições, crendices, formas elementares de arte e ciência.

Nesse conjunto de tradições que constituem a alma popular, tudo recolhido pela tradição oral, é que constitui o folclore.

Foi o conjunto das diferentes contribuições culturais de cada grupo, com suas características, costumes e necessidades de alimentação e trabalho em contato com o meio físico-geográfico que fez com que cada região fosse adquirindo sua diversidade. É muito importante colocar nossas crianças em contato com nossas tradições. Os mitos, lendas e contos fazem parte do inconsciente coletivo e continuam nos dias de hoje, a estimular o imaginário de adultos e crianças.

A sobrevivência dessas manifestações na época atual comprova a sua atualidade, a sua importância e, porque não dizer, a sua capacidade de conservar e perpetuar alguns dos valores e questionamentos que compõem a nossa identidade cultural.

Assim, o folclore parte do povo e para ele volta de novo. Em nossas vidas não estão presentes apenas as informações passadas pelos livros, pelas revistas, pelos filmes, pelas escolas. As pessoas do povo também passam informações por meio das histórias que contam e inventam.

A sala de aula é um espaço privilegiado para se desenvolver o gosto pela literatura infantil. A mesma tem a função específica de proporcionar este encontro entre o livro e a criança, de maneira que esta possa utilizar-se da literatura para a compreensão de si, das coisas que a cercam e das relações entre ambas.

Este projeto surgiu da necessidade de buscar avanços na prática educativa, pois contamos que a maioria de nossos alunos chega à 4ª série sem hábito de leitura, dificuldade de concentração e interpretação.

Sabemos que é na infância que se forma a essência da personalidade. O folclore inserido à literatura infantil tem influência direta no cotidiano infantil, uma vez que os personagens incentivam a criação de modelos que os auxiliam na relação que estabelece com o meio social. O dinamismo do folclore possibilita o educando a pesquisar o passado e estar atento às transformações do presente. Tais mudanças criam um elo entre os mais antigos e os culturalmente mais novos, explicam fenômenos naturais, forças desconhecidas, ou contra passagens importantes da nossa história, que pessoas comuns de todas as raças e religiões criavam, tais como: mitos, lendas, danças, músicas, hábitos e tradições.

As inspirações do romantismo e muitas correntes do modernismo são tiradas do folclore. Nosso folclore, aliado à nossa rica literatura, torna-se fonte inesgotável de pesquisa e trabalho diversificado na escola e na comunidade. É de valor integral na cultura. Merece ser estudado e aproveitado sob todos os aspectos: intelectuais, artísticos, educacionais, técnicos e recreativos, uma vez que ele desperta sentimentos e emoções, alimenta entusiasmo e o amor pelas coisas da nossa terra. Leva a conhecer os aspectos característicos do nosso povo e a preservar as nossas tradições.

Hoje em dia, não se cultiva mais o hábito de contar histórias, e os portões das casas de subúrbio, ou até mesmo no interior, não testemunham mais as rodas de histórias.

Inserir folclore à literatura infantil em sala de aula é oferecer ao outro a oportunidade de penetrar no reino da fantasia, fortalecer laços familiares desposar príncipes e princesas e, só então, retomar a realidade inteira e fortalecida.

Considerando a criança, o folclore é a melhor forma de verdadeiramente fazê-la penetrar na alma do povo, de conhecer as vidas diferentes do país, de criar consciência nacional e o amor às nossas coisas.

Uma significativa parcela dos alunos do Ensino Fundamental e até do Ensino Médio possuem uma leitura deficitária, seja por falta de ajuda familiar ou por desconhecerem a importância de ser um bom leitor. Não basta que os alunos falem bastante ou leiam muitos textos, para dominarem a fala ou a escrita. É necessário que analisem o uso (porque usam, como usam e para que usam a linguagem), dando um sentido ao que estão lendo ou escrevendo. A prática da leitura é essencial e deve ser explorada tanto na escola quanto na família.

A leitura é a base do processo de alfabetização. Cada tipo exige uma interpretação, uma reflexão e, a partir daí, pode-se estimular ao aluno e à família o gosto pela leitura, o que além de contribuir para maior facilidade na aprendizagem ajudará a expressão nas relações sociais.

Esta pesquisa objetiva, basicamente, conhecer as variações populares que se espalham pelas regiões do país, em contato com as lendas e o imaginário do folclore e, assim, subsidiar o processo da alfabetização a fomentar a interpretação textual com base na utilização em sala de aula da literatura infantil.

Por fim, pretendemos levar os alunos a pesquisar as características, a importância do folclore na educação, descobrindo as principais manifestações folclóricas do nosso país, dando margem ao desenvolvimento da linguagem (sendo o diálogo a principal contribuição), para dar oportunidade à criança-problema de evoluir vencendo recalques e angústias.

1 FOLCLORE: DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E SIGNIFICADO

A 22 de agosto de 1846 a palavra folclore foi lançada na Inglaterra pelo arqueólogo William J. Thomas, que mandou uma carta à revista “The Atheneum”, de Londres, com a finalidade de pedir apoio para um levantamento de dados sobre usos, tradições, lendas, baladas religiosas daquele país. Como a carta foi publicada a 22 de agosto, convencionou-se ser este o Dia Mundial do Folclore. Folk = povo e Logre = conhecimento e significa sabedoria popular. O folclore é a expressão cultural mais legítima de um povo.

1.1 Definição

Conjunto de tradições, conhecimentos, crenças populares, lendas, músicas, danças, adivinhações, provérbios, superstições, brinquedos, jogos, poesias, artesanatos, contos, enfim é o estudo da mentalidade popular. Ciência que cuida das tradições, usos e costumes dos povos. Saber do povo. Nasce e se desenvolve no meio do povo. Caracteriza os costumes de cada terra. É transmitido de pai para filho, oralmente ou por ensinamentos práticos, chegando a ser definido como a história não escrita de um povo.

No Brasil, as fontes do folclore são três correntes étnicas que contribuem para sua formação: o português, o indígena e o negro.

1.2 Características do folclore

Antiguidade: vem de um tempo muito remoto.

Anonimato: nunca se sabe que fez isso ou aquilo. Não tem autor.

Constância: sobrevive em todo país e em cada região com seu toque típico, apesar de avanço da tecnologia.

Tradição: são narrados oralmente pelas pessoas mais idosas às crianças.

Espontaneidade: é um modo de sentir, pensar e agir que os membros da coletividade exprimem ou identificam como seu, sem que a isto sejam levados por influência direta de instituições estabelecidas.

Funcionalidade: o povo não conhece o ato gratuito. Tudo que faz tem um destino, preenche uma função, revela o modo de ser, a mentalidade de um grupo primitivo ou popular, exatamente pelas funções que cumpre.

Aceitação coletiva: sem ela nada se torna folclórico. Essa aceitação faz com que o autor fique anônimo, e a obra passa a ser patrimônio de todos.

1.3 Significado

O folclore como expressão do povo faz parte de riqueza cultural e portanto está inserido no patrimônio cultural.

1.3.1 Proteção jurídica

Constituição Federal:

*art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais;

*art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I- as formas de expressão;

II- os modos de criar, fazer e viver;

III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Portanto, as crenças, as lendas, as tradições, costumes e tradições, são bens imateriais, que compõem o patrimônio cultural, estão protegidos juridicamente pelo texto constitucional citado. Tratam-se assim de bens imateriais difusos de uso comum do povo e que podem ser protegidos pela ação civil pública (Lei 4.3 / 85).

Pertencem ao folclore a mitologia, as crendices, as lendas, os folguedos, as danças regionais, as canções populares, os costumes populares, as histórias populares,

religiosidade popular ou costumes populares, a linguagem típica de uma região, medicina popular, o artesanato etc.

1.4 Folclore verbal: dicas para o estudo do folclore

O nosso mundo novo vive sobre o signo das comunicações. Urge que a renovação se realize em todos os aspectos. Não há tempo pra mensagens complicadas que exigem um trabalho moroso de decodificação. Qualquer usuário da língua se comunica e se faz entender. Isso significa que, de um modo geral, todos usamos do mesmo código ao enviar nossas mensagens.

Atualmente, mais do que nunca, a língua tornou-se um elemento vivo, dinâmico, sujeita, portanto, às influências internas e externas que ocorrem em seu processo evolutivo. A fala, comunicação oral, sempre aparece antes da língua, comunicação escrita e normativa. Por isso, recebe, diretamente, a marca do seu usuário. Nesse sentido, explica-se o fato de muitos desses falantes criarem um código próprio para sua comunicação.

Nos anos 60, até os dias de hoje, assistimos a uma renovação em defesa de uma comunicação mais livre. Sem fala dos códigos não verbais, como senhas e gestos de profundo valor semi-ótico, contamos com um vocabulário próprio, constituído de interessantíssimas palavras. Estas pertencem a determinado grupo e como tal funciona comunicativamente entre os indivíduos que ao grupo pertencem.

Por outro lado, parece que a ânsia de liberdade em seu sentido mais amplo transparece no modo de comunicarmos. As palavras saem de suas classificações normais, seguindo uma trajetória completamente livre. *Jóia, legal, transa, é meu!, To numa boa, qual é a tua?, Pode crê!, Faz parte!, Certo mano!, Maneiro!, Fala sério!, Pagar mico!, E aí!, Qualé!*, são exemplos típicos de que rebelamos contra os “-ismos” que a cultura tradicional tenta impormos. Mas, os neologismos são justificáveis, se levarmos em consideração que eles são consequência do choque entre os “-ismos” de um lado e o individualismo do outro. Aí a situação se agrava para a língua é claro. Ela é unidade e por isso deve ser preservada.

O nominalismo é válido, desde que empregado em contextos onde falante e ouvinte possuam seus códigos preestabelecidos.

Reconhecemos na explosão dos visuais colocados nos pára-brisas e pára-choques dos carros, o nosso folclore urbano. Essencialmente, estamos diante de linguagem, se compararmos com aquelas dos pára-choques de caminhões. A única diferença se dá por uma

questão de espaço: no pára-choque ou no pára-brisa a mesma filosofia, o mesmo desejo de explicar as coisas e o mundo.

Temas como: *20 ver, 100 destino; 80 ção; 100 dinheiro; k-petão; k-cetada; Batida, só de pinga com limão; Hei de vencer, mesmo sendo professor; bramologia; corintiologia; mulherologia; estou rezando 1/3 para achar 1/2 de levar você a 1/4; e mais recentemente: xique no urtimo; aqui só entra avião*. São exemplos válidos, se entendermos que os limites do regional, em seu nível mais profundo, tangenciam o pensar de outros seres excluídos do contexto cultural civilizado. Ou, que nesses indivíduos predomina a função imaginativa que reveste ou afasta o real, gerando a interpretação folclórica.

Concluindo, um grupo tem necessidade de criar um código ou códigos para se comunicar, o perigo está no fato de não se respeitar a unidade lingüística. Faz-se necessária uma distinção entre a comunicação oral e a língua escrita. Cabe aos meios de divulgação de comunicação de massa policiar a norma culta brasileira. Os ataques à gíria e aos neologismos não levam a nada. Também não se trata de tomar partido daqueles que entendem comunicação, a partir de modelos clássicos e rígidos, distantes da realidade lingüística. O mais válido é adotarmos a idéia de escolher entre os modelos literários contemporâneos aqueles que mais satisfaçam a nossas exigências atuais. Essa sim, parece-nos seja uma tomada de posição coerente, uma vez que recoloca a norma culta, como um processo dinâmico e historicamente condicionado.

A cultura do povo precisa ser estudada, porque é objetivo de todos os governos dar ao povo melhores condições de vida. Deve conciliar-se com o daqueles valores de sempre, às vezes superiores à própria ciência e guardados pelos clássicos, pelas igrejas e pelo próprio folclore.

1.5 O folclore aliado à educação artística

No plano do desenho, das artes manuais e prendas domésticas, a importância do folclore não necessita ser posta em relevo, tal a sua evidencia. Mas, na escola rural, o interesse ultrapassa o ensino em si, para ser acentuadamente social, ou, se quiserem, para dar destino à grande parte do ensino. Isso porque, um dos problemas mais graves com que nos defrontamos e cujas implicações envolvem os planos de desenvolvimento do Brasil, é o êxodo dos campos e a hipertrofia das cidades.

Uma das soluções cabe à escola, a de fazer a ligação do homem a terra. Não lhe compete toda a tarefa, mas pode iniciá-la auspiciosamente, e, nesse sentido, o ensino das

artes deve ser funcional. A escola precisa aproximar-se das indústrias rurais da região. Se estivermos em zona de cerâmica utilitária ou lúdica, numa área de madeira ou de couro, verificado o caráter do meio, o professor orientará seus debuxos, suas artes manuais para aqueles centros de interesse, valorizando o que possuímos tradicionalmente. Se a escola está numa região de rendas ou de tecelagem, deve ser ensinado o que se refere ao assunto, nas normas locais, podem ser dados elementos que desenvolvam a fantasia e a criatividade, mas não pontos de renda completamente diversos. Talvez mais bonitos, porém o temor de que subestimem a arte tradicional folclórica. Daí a necessidade de informação precisa das características ecológicas da região para que, seu enquadramento, o ensino seja orientado nesse particular, onde o folclore passa a ter um valor social e irrecusável.

Para a formação dos artesanatos, as artes caseiras e folclóricas são importantes e significativas, porque constitui em todos os países, invejável fonte de renda. Em vez de deixarmos que seja monopolizada a atividade de lembranças folclóricas, industrializando-as em serie, será melhor criarmos os artesãos, que sempre as farão amorosamente. Por que não especializarmos nossa gente nessa atividade altamente lucrativa, como acontece na Europa, em que os pitorescos dessas coisas estão sempre ligados à autenticidade? Muito se poderia dizer sobre a exigência de proteção a essas artes, mas o assunto foge a estas considerações.

O folclore é indispensável ao desenho e às artes manuais e caseiras e vemos com tristeza, nas cadeiras de Artes Plásticas de nossas escolas, professoras perdendo tempo fazendo objetos vulgares e incaracterísticos, quando podiam aproveitar elementos folclóricos que tanto interessariam aos alunos. O Folclore e o ensino de trabalhos manuais, mostra como nessa disciplina a utilização do folclore pode contribuir fortemente para melhorar o artesanato e o julgamento das artes populares, utilizando técnicas artesanais folclóricas em madeira, metal, matéria plástica, e etc.

O folclore é uma força de interação, suave e sugestiva, pitoresca e divertida a ser utilizada na escola. Acredito, autorizada pelo meu duplo amor ao ensino e ao folclore, que as autoridades de educação devam reunir especialistas nas duas atividades para formulação de instruções metodológicas.

No teatro, a criança é a mais viva expressão desta assertiva. A encenação na criança é uma atividade, enriquecida pela sua imaginação. Se o teatro é fator educativo, evidentemente é uma poderosa arma para a escola. Há séculos isso já é sabido, como diz Carvalho (1989, p. 267).

A criança tem muito mais qualidades teatrais do que o adulto: imaginação, espontaneidade, liberdade, tudo, enfim, que exige a teatralização [...] as estórias de fadas e bruxas, as fábulas, as lendas folclóricas de bichinhos. Depois dos seis anos, então, já as peças podem ser escritas e mais longas. De início, Fabulas e Folclore, ampliando-se como peças em que entrem fatos e personagem, em relação com o mundo real, explorando os sentimentos morais e sociais.

1.6 Construindo brinquedos folclóricos nas aulas de educação artística

coquinhos: instrumentos de percussão usado em rítmicas, conjunto de percussão etc. É usado

para imitar o ruído do tropel de cavalos, coisa que faz com muita perfeição.

Material:

*1 casca de coco;

**vieux chene* ou tinta óleo.

Ferramentas usadas:

*1 serra ou serrote;

*1 lixa nº 100;

*1 pincel.

Como construir: dividir a casca do coco em duas partes iguais com a serra ou o serrote. Lixe cuidadosamente as duas partes, pintem-as ou faça desenhos com o *vieux chene* e envernize. Veja o instrumento depois de pronto e a maneira de executá-lo.

Clave: é muito fácil a construção deste instrumento, que possui um som muito especial, razão pela qual é usado em todos os tipos de música e grupos musicais.

Material:

*um pedaço de cabo de vassoura.

Ferramentas usadas:

1 faca ou canivete;

um serrote;

1 lima;

1 lixa nº 100;

vieux chene;

verniz.

Como construir: cortar 2 pedaços de cabo de vassoura, cada um com aproximadamente 18 cm. Arredondar as extremidades com faca ou o canivete e lixar com a lixa nº 100.

Para conseguir a cor desejada, use o *vieux chene* e depois o verniz. Veja a maneira de executar o instrumento.

Afoxé: é um instrumento de percussão muito usada em conjuntos musicais, bandas, fanfarras, bandas rítmicas, etc. É muito fácil construir e tocar o afoxé.

Material:

1 casca de coco;
1 pedaço de cabo de vassoura;
contas coloridas (lágrimas de nossa senhora);
colo de madeira ou fórmica;
verniz;
vieux chene.

Ferramentas usadas:

1 serra ou serrote;
1 faca ou canivete;
1 tesoura;
1 lixa nº 100.

Como construir: serre um pedaço de cabo de madeira medindo aproximadamente 12 cm. Com o auxílio da faca ou do canivete, modele o cabo. Observe que o cabo possui uma reentrância para ser encaixada à casca do coco, que deve ser perfurada.

Para dar a cor desejada à casca de coco e ao cabo, use o *vieux chene* antes de envernizar. Corte 4 pedaços de náilon de aproximadamente 36 cm e enfie as contas coloridas. Complete os espaços com outros pedaços de náilon e contas coloridas. Veja o instrumento pronto e a maneira de tocar.

Tambor de lata de sorvete: sua forma primitiva era um tronco de árvore, como um bote, sobre o qual se golpeava. Esse protótipo de tambor foi encontrado na América entre os índios da Colômbia. Foi sendo aperfeiçoado e surgiu o modelo vertical, que é também bastante antigo. O tambor é um instrumento rítmico, porque marca o ritmo.

Material:

1 lata de sorvete;
Couro para tamborim;

4 parafusos com porcas (de mais ou menos 8,5 cm de comprimento);
8 pregos de mais ou menos 3,5 cm;
2 varetas de bambu ou madeira de mais ou menos 15 cm cada uma.

Ferramentas usadas :

1 martelo pequeno;
1 alicate;
1 tesoura;
1 chave de lata;
1 abridor de latas;
1 lixa.

Como construir: retirar o fundo da lata de sorvete, usando o abridor de latas e bater as sobras com um martelo pequeno.

Retirar o fundo da tampa com o auxílio da chave de fenda e do martelo. Cortar as sobras de modo que o aro da tampa fique com aproximadamente 1cm de largura.

Seguindo as instruções, faça 4 suportes com os pregos, usando o alicate. Preste atenção nas medidas e depois de cada suporte feito, faça um teste com os parafusos, pois eles devem se movimentar livremente. Veja na figura o modelo dos 4 suportes para a parte debaixo do tambor. Observe que as cabeças dos pregos devem ser retiradas.

Deixe o couro de molho por algumas horas, teste os suportes da parte de cima e da parte de baixo do tambor e depois coloque o couro, ainda molhado, sobre a lata. Em seguida coloque o aro de 1 cm (a antiga tampa da lata), e os suportes. Parafuse e deixe secar.

Depois de seco, quanto mais você apertar mais agudo será o som produzido pelo tambor. Lixe as 2 varetas de bambu ou madeira e seu tambor estará pronto.

Reco-Reco de Lata de Cerveja ou de Lata de óleo

Material:

1 lata de cerveja ou de óleo;
3 rebites ou ilhoses;
2 molas de 10 cm cada (para lata de óleo, e melhor que sejam maiores);
1 vareta de metal com mais ou menos 15 cm.

Ferramentas usadas:

1 martelo;
1 abridor de lata;
1 tesoura para cortar lata;

1 prego grande ou 1 ponteiro pequeno;

1 prego médio.

Como construir: Abra a parte de cima da lata de cerveja (usando o abridor de latas). Faça um corte, seguindo a emenda da lata. Use o abridor e corte um pedaço do fundo da lata, dobre. Faça os furos para os rebites ou ilhoses e os coloque. Faça 4 furos na parte plana da lata (parte da frente) para colocar a molas.

As figuras indicam como você deve dobrar as pontas das molas, de modo a ficar fixas. Veja se não existem pontas ou sobras de lata em todo o reco-reco e pronto, veja a maneira de executá-lo com o auxílio da vareta de metal .

1.7 Cantando e aprendendo com o folclore

E a música? Será talvez onde estamos melhores, mas muito ainda há por fazer. O ritmo é um elemento nacionalizante e visto possuímos grandes núcleos de estrangeiros, devemos dar ênfase ao canto, mas ao canto folclórico, de um lado para ensinar as novas melodias e ritmos, de outro, para erradicar, paulatinamente, os ritmos nativos desses alunos, que transportarão aos seus lares a nossa rítmica, um dos fatores para sua integração na terra nova, que será sua pátria. Insista que se cante e se dance nas escolas coisas nitidamente locais. E preciso proporcionar-lhes, com constância, os ritmos e as melodias de nossas cirandas e batuques, de nossos cururus e sambas, de nossas modas de viola, numa atividade tanto ligada aos poderes federais como estaduais e municipais.

A música pode ser utilizada nas rodas infantis nos brinquedos cantados, nas danças de conjunto (algumas das quais são de tanto efeito para as festas escolares, como o pau de fita, a ciranda, não só de roda mas dançada). A cantiga de corda de viola oferece ensejo para uma série de perguntas sugestivas e indutivas, relativas às vozes de animais. Com o aproveitamento do folclore, para que as crianças se habituem, desde cedo, com as formas musicais e as danças do nosso povo. Parte, assim, a cultura musical, daquilo que lhe é familiar (cirandas, cantigas de roda e de ninar), de modo que o folclore será “lastro- ouro”.

Para que as crianças aprendam a cantar e dançar, devem estar de mãos dadas. Uma pessoa no centro *rica*. De frente, afastada, a *pobre*. A *pobre* canta a primeira estrofe e caminham quatro passos em direção à fileira, recuando depois o mesmo número de pessoas. A fileira canta: *eu sou rica...* da mesma maneira, aproximando-se da *pobre*. Esta canta: *Quero uma de suas filhas* e a fileira responde com estrofe seguinte. A *pobre* escolhe uma companheira, que só passa para o seu lado se o ofício lhe agradar. As crianças, então, passam

das fileiras para o lado da *pobre*, até que a *rica* fique sozinha. Agora começa a brincadeira como *pobre*.

Eu sou pobre

Eu sou pobre, pobre, pobre,
de marre, marre, marre.

Eu sou pobre, pobre, pobre,
de marre de si.

Escolhei a que quiser,
de marre, marre, marre.

Escolhei a que quiser,
de marre de si.

Dou o ofício de
de marre, marre, marre.

Este ofício me agrada,
de marre de si.

Eu sou rica, rica, rica,
de marre, marre, marre.

Eu sou rica, rica, rica,
De marre de si.

Eu quero a
de marre, marre, marre,

Eu quero a
de marre de si.

Lá se foi a.....
de marre, marre, marre.

Lá se foi a
de marre de si.

Quero uma de vossas filhas,
de marre, marre.

Quero uma de vossas filhas,
de marre de si.

Que ofício dais a ela,
de marre, marre, marre.

Que ofício dais a ela,
de marre de si.

Eu de pobre fiquei rica,
de marre, marre, marre.

Eu de rica fiquei pobre,
de marre de si

Nesta rua

Nesta rua, nesta rua
tem um bosque,
que se chama, que se chama,
solidão.

Dentro dele, dentro dele,
mora um anjo,
que roubou, que roubou,
meu coração.

Se eu roubei, se eu roubei,
teu coração,
tu roubaste, tu roubaste,
o meu também.

Se eu roubei, se eu roubei,
teu coração,
é porque, é porque,
te quero bem.

O que é ? O que é ? Na água nasci,
na água me criei. Se me jogarem na água,

na água morrerei?

Poupurri Folclórico

Escravos de jó
Jogavam caxangá
Tira, bota, deixa o zabelê jogar
Guerreiros, com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão tá...rá...
rão...dão...dão...
vem de lá seu delegado
e o pai Francisco
foi pra prisão

Fui na fonte do Itororó
Beber água e não achei.
Achei foi a
Que no Itororó deixei.
Entra nesta roda
E dançará sozinha.
Sozinha eu não danço
Nem devo dançar
Porque tenho.....
para ser meu par !

Havia um Pastorzinho

Havia um pastorzinho
que andava a pasturar,
saiu de sua casa
e pôs-se a cantar!
Dó, ré, mi, fá, fá, fá,
dó, ré, dó, ré, ré, ré,
dó, sol, fá, mi, mi, mi,
dó, ré, mi, fá, fá, fá.
(RADESPIEL, 2003, p. 286-289.)

Chegando ao palácio
a rainha lhe falou:
alegre pastorzinho,
o seu canto me agradou!
Dó, ré, mi, fá, fá, fá,
dó, ré, dó, ré, ré, ré,
dó, sol, fá, mi, mi, mi,
dó, ré, mi, fá, fá, fá,

1.8 Folclore, a memória de um povo

Alguns folcloristas estendem o campo do folclore a todas as sociedades, até mesmo as primitivas. Entretanto, a existência de graus diferentes da mesma cultura e necessária para diferentes da mesma cultura é necessária para caracterizar o fenômeno.

Toda a sociedade participa da criação e da manutenção do folclore, e por isso, não apenas através da sua aceitação ou repressão. O fenômeno folclórico em si resume, com extraordinária limpidez as esperanças e as expectativas gerais, baseia-se tanto na tradição como na inovação. Em geral a forma (o auto, a redonda, a quadrada...) permanece, enquanto o conteúdo se modifica e se atualiza. Assim o folclore planta suas raízes no passado imemorial da humanidade e se projeta como voz do presente e do futuro.

Fiel ao passado, mas alerta às solicitações da hora, o folclore é forja, o cadinho que preserva e sedimentam os maiores distintivos de cada povo.

É preciso, porém, considerar que o folclore não é um fato do passado, é um fato vivo, presente, e perpétuo vir a ser. Voz atual do presente deve estudar cultura popular como existe, na sua mutação continua. As formas periféricas serão esclarecedoras apenas ao estudo da sua realidade viva, presente, atual e fluida.

Não podemos deixar de referir a importância que a psicanálise deu aos estudos de folclore; Partindo da interpretação dos sonhos, entendeu Freud que o folclore deve revelar os elementos simbólicos que a favorecem. Esse conhecimento, segundo o mesmo, nos vem de várias fontes dos contos e mitos, e facécias do folclore, isto é, do estudo dos costumes, usos, provérbios e contos de diversos países, da linguagem poética e da linguagem comum. Nele encontramos em toda parte o mesmo simbolismo dos sonhos que, nessas inter-relações, sairão desse exame com a certeza aumentada, baseada no inconsciente coletivo

A tendência dos costumes dos povos diferentes é quando estes se relacionam de modo íntimo, constituir expressões híbridas, ou seja, suas culturas se misturam resultando em novas expressões de manifestações populares.

Como os grupos humanos influenciam uns aos outros, podemos dizer que o folclore não é uma ciência estática, morta. Ao contrario ele é dinâmico, pois além de pesquisar o passado, tem de estar atenta às transformações do presente.

Por ter o Brasil dimensões continentais, o povo embora mantenha basicamente uma unidade espiritual e lingüística às vezes apresenta costumes bem definidos entre si. Pode sofrer algumas transformações em suas características conforme a localidade, mas o tema é sempre o mesmo.

O estudo do folclore e o respeito às tradições são deveres patrióticos. Conhecendo nosso folclore, conhecemos a nós mesmos e sabemos que um povo se constitui lentamente, alicerçado em suas tradições.

Por ser muito grande a quantidade de motivos que compõe nosso folclore que se escrevesse um avantajado sobre o assunto, não se poderia garantir que estivesse completo. Isto sem considerar os motivos ainda pesquisados.

Em outras dimensões, o folclore, igualmente, vulgar e coletivo isto é, de conhecimento amplo e social de um grupo mesmo que cada um dos participantes detenha apenas uma parcela desse conhecimento. Como acontece no próprio congado em que cada elemento de conhecimento. Quando todos os conhecimentos se juntam os fatos se concretizam. O folclore, durável, persistindo ao longo de gerações e de grupos que se sucedem, passando em alguns casos, a exercer até um papel social de resistência mesmo que inconsciente, aos modismos de cada tempo.

Fundamental é, igualmente, sua funcionalidade, pois para o fato folclórico há sempre uma justificativa, uma explicação nem sempre dentro da lógica dita científica, mas dentro de uma ótica nascida de seu conhecimento e visão culturais. O fato folclórico existe por alguma razão: para explicar uma ação. Curiosamente essas ações, ainda que praticadas num pequeno grupo, adquirem uma abrangência universal, à medida que, em suas características grupais, elas representam a aplicação, naquela sociedade, de uma prática existente em todo o mundo. Isto é o que se chama universalidade do folclore, que nos permite observar que fatos, ações, manifestações e pensamentos sejam os mesmos em povos de todo o mundo mesmo que praticados em outras roupagens, palavras e atitudes. Além disso o folclore é anônimo mesmo quando se conhecem o autor e os praticantes de um determinado fato ou ação. Ao criar ou executar sua atividade, esse autor está agindo de acordo com uma linha derivada da cultura popular. Como acontece, por exemplo, com a poesia popular, sabe-se quem é o poeta, mas a sua obra se insere na estrutura marcada pela cultura do povo.

Finalmente o folclore é espontâneo nascido que é da vontade livre do povo de se manifestar através de todos os canais de sua criatividade. Hoje, por toda parte temos ainda vivas histórias e lendas pertencentes ao patrimônio oral dos povos e ousamos dizer que essa é ainda contribuição mais profunda na literatura infantil. Parlendas, provérbios, adivinhas têm sido pouco abandonados, na redação escrita, ligada a jogos brincados e outras práticas. Os provérbios tendem a desaparecer é muito raro encontrá-los na conversação diária a não ser entre pessoas mais idosas.

Naturalmente na zona rural, onde a vida é mais vagarosa e a tecnologia tem menos aceso toda essas formas de literatura tradicional tem mais probabilidade de durar. Mas

nos grandes centros, onde ninguém conversa e poucos pensam e as lições da vida parece emanarem, torna-se o oposto.

Revoluciona a literatura infantil brasileira introduzindo uma série de novos elementos tanto formais como em conteúdo, pois é ele que nos vai oferecer uma literatura infantil crítica visto que se preocupa em “debater assuntos públicos” para que sejam mais facilmente entendidos pelas crianças. Seu toque de humor fará com que se “[...] desmistifique uma série de pseudo-verdades”. (ZILBERMAN, MAGALHÃES, 1987, p. 43 – ibidem, p. 65).

1.9 O folclore pede uma reivindicação social

Se o povo utiliza formas antigas para se exprimir. Não o faz apenas porque essas formas tenham tido importância para seu futuro. Já vimos, aliás, que essas formas “antigas” se modificam e se renovam pela recomposição, mantendo a correlação entre as classes, no plano cultural.

Teatro e escola, as diversões populares suprem as deficiências da educação oficial, desenvolvem a força da criação independente do povo, dão nascimento a uma consciência popular.

Podemos dizer que, através do folclore, o povo se faz presente na sociedade, se afirma no âmbito da superestrutura ideológica, em verdade o folclore nem sempre será folclore. Pode perder-se na memória dos homens ou transformar-se na realidade social do futuro. Há exemplos históricos que nos indicam, com suficiente clareza, que aquilo que uma época imaginou ser folclore, “sabedoria vulgar” pode vir ser um dos aspectos mais significativos do complexo cultural de outra época o caráter futuro do folclore, como reivindicação, se aplica à literatura oral de todos os países contra as injustiças sociais.

O elogio da vida rural não impede a constatação de sua falência paulatina, de um lado porque o espaço onde ela transcorre assume, de modo crescente, um significado abstrato; de outro porque a presença da vida urbana vai deixando marcas profundas.

O triunfo da história motiva uma reação contrária na forma de um novo esforço de superação, que coincide, nos livros citados, com uma opção escapista: todos os personagens, crianças na sua maior parte não se satisfazem com seu cotidiano e almejo suplantá-lo, o que se viabiliza por meio de uma viagem: além disso, ela guarda do sonho sua mais exata significação: a realização dos desejos. Entre os livros de Menotti Del Pichai e os de Érico Veríssimo, a semelhança é mais que uma coincidência: *Em Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque* (1981) e *As aventuras do avião vermelho*

(1936). Os heróis são fascinados por aviões e aventuras aéreas lidas em obras e ficção. E, motivados por essa tração, simultaneamente tecnológica e literária, eles acabam realizando seus anseios através da obtenção do objeto desejado -o avião (de brinquedo, na narrativa de Érico). Os meninos dão vazão ao imaginário.

Por sua vez, a intervenção das crianças no mundo da fantasia é muito reduzida; tanto na ficção de Érico como na de Menotti, a fantasia é estimulada pelo aborrecimento doméstico, simbolizado pelos ambientes fechados em que as histórias começam.

Nos textos de Graciliano Ramos e Lúcia Miguel Pereira, o imaginário se mescla ao ideal que almejam os heróis; mas, como sua realização implica luta, ele acaba por configurar um projeto político. Assim, o mais traumático no início e igualmente o mais libertador no final, indicando a transformação e superação da necessidade escapista. A solução do conflito coincide com o término da aventura, o que impede a continuação da história.

A diferença de propósito e de encaminhamento do tema e das personagens implica a separação entre os dois grupos de histórias e indica os resumos que essa modalidade de narrativa assumirá doravante. Seu traço mais marcante aponta para uma oposição entre o real e a fantasia, corporificada a última pelo imaginário infantil, povoado pelos desejos insatisfeitos a quem cabe a forma e solução por meio da atividade ficcional.

A literatura infantil brasileira, elaborada ficcionalmente seus modelos narrativos heróis, funda um universo imaginário peculiar que se encaminha em duas direções principais. De um lado, reproduz e interpreta a sociedade nacional, avaliando o processo acelerado de modernização, nem sempre o aceitando com facilidade, segundo se expressam narradores e personagens. Para tanto, circunscreve um espaço preferencial de representação: o ambiente rural o qual passa a simbolizar as tendências e o destino que experimenta a nação, quando não significa na direção contrária, a negação dos mesmos processos e a idealização de um passado sem conflitos. De um modo ou de outro, enraíza-se uma tradição a de proposição de um universo fruto sobre tudo da imaginação, ainda quando esta tem um fundamento social e político. Esta tradição da conta da faceta mais criativa da literatura para criança no país.

2 O FOLCLORE BRASILEIRO: IMPORTÂNCIA E INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO

Folclore também é literatura. As inspirações do romantismo e muitas correntes do modernismo são tiradas do folclore. Nosso folclore também, é uma fonte inesgotável para fazerem monumentos, decorações de jardins, parques e etc. É de valor integral na cultura. Merece ser estudado e aproveitado sob todos os aspectos: intelectuais, artísticos, educacionais, técnicos, recreativos. Assim, o folclore favorece a aprendizagem e facilita o trabalho. Forma bons hábitos e atitudes. Desperta sentimento de emoção, entusiasmo e amor pelas coisas da nossa terra. Leva a conhecer os aspectos característicos de nosso povo e a preservar as nossas tradições:

Linguagem e literatura: o folclore oferece um campo muito vasto para aquele que pesquisa a língua de um povo. São inúmeras as expressões, tanto materiais, como espirituais existentes no campo folclórico.

Vocábulo: são termos ou palavras que fazem parte da linguagem comum de determinado grupo ou sociedade.

Exemplos:

Currutuca: coisa pequena;

Maninha: mulher que não dá filhos;

Trebusana: tempestade; ventúrio = filho.

Gestos: são manifestações de idéias sob normas físicas, tais como movimento do rosto, mãos, cabeça, corpo.

Exemplos:

Admiração: franzir as sobrancelhas arregalar os olhos;

Aprovação: bater palmas, chupar o lóbulo da orelha;

Amizade: entrelaçar os polegares.

Ditados: dizeres ou sentenças breves, geralmente de conteúdo moral, que nascem de experiência do homem em contato com o mundo que o cerca.

Exemplos:

“Quem dá aos pobres empresta a Deus.”

“Quem dorme com menino, amanhece mijado.”

“Jacaré quando tem fome, até braço come.”

“Pobre quando mete a mão no bolso só tira os cinco dedos.”

“Por seguro, morreu de velho.”

“Cada macaco no seu galho.”

“Água mole e pedra dura tanto bate até que fura.”

Apelidos: designações que se dão às pessoas, em consequência de defeito ou qualidade que possui, ou mesmo, desejariam possuir.

Exemplos:

Barata descascada – pessoa muito branca;

Besuntão – apelido de pessoa que anda de roupa suja;

Chico Miséria – um sujeito pão duro.

Lemas de pára-choques: frases curtas, de tons satíricos, humorísticos, lírico, escritas nos pára-choques de caminhão.

Exemplos:

** Montando na morte, a procura da sorte.*

** Se Deus fez coisa melhor que a mulher, guardou pra ele.*

** Se me vires agarrado com mulher feia pode apartar que é briga.*

** Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão.*

** Não buzine! ... Na minha frente tem 22.*

** Na subida você me aperta, na descida nós acertamos.*

** Sai da janela curiosa.*

** Pobre é como cachimbo, só leva fumo.*

2.1 Uma sugestão para você, professor

Projeto: “O folclore Brasileiro”

Objetivos

** Conceituar a palavra “Folclore”.*

- * Descobrir as principais manifestações folclóricas do nosso país.
- * Levar os alunos a pesquisar as características, importância e influência do folclore na educação.
- * Resgatar o folclore local.
- * Organizar uma exposição com o tema: “O folclore de cabo a rabo”.

Desenvolvimento

1º Dia:

- Tema para debate: O folclore brasileiro.
- Observar o mapa do folclore brasileiro.
- Preparar para a exposição no final do projeto: distribuição das tarefas.
- Atividades relacionadas.
- Montagem de um mural sobre Folclore Brasileiro.

2º Dia:

(Crendices/ Mitos e Assombrações)

- Tema para debate: Trava-línguas e parlendas.
- Interpretação oral e escrita.
- Ortografia relacionada.
- Brincando e aprendendo: elaborando e montando um mural:
“*O Folclore Brasileiro*”.

3º Dia:

- Tema para debate: Lendas e Mitos.
- Leitura.
- Interpretação oral e escrita.
- Brincado e aprendendo: Confeccionando fantoches de dedo e marcadores de livros com os personagens do folclore brasileiros.

4º Dia:

- Tema para debate: Medicina popular, instrumentos folclóricos, folias, danças de várias origens.
- Vocabulário.
- Interpretação oral e escrita.

-Redação: * O que é folclore?

* Telegrama.

5º Dia:

-Tema para debate: Danças e jogos folclóricos.

-Vocabulário.

-Interpretação oral e escrita.

-Exposição: Proposta no início do projeto.

-Culminância e avaliação do projeto.

2.2 Lendas e Mitos do folclore brasileiro

Quem nunca se apavorou diante da expectativa de se encontrar frente a frente com um Lobisomen? Quem não se emocionou com as histórias contadas por nossos pais e avós onde seres fantásticos faziam as mais variadas peripécias?

As lendas são narrativas tradicionais de acontecimentos do passado que foram deformadas pela imaginação popular, possuindo frequentemente componentes fantásticos ou religiosos. Possuem também elementos místicos, como a sua capacidade de oferecer explicações para a realidade de transmitir os valores morais da sociedade. Geralmente são divulgadas oralmente por muitas pessoas, as quais sofreram transformações na medida em que foram sendo transmitidas. De qualquer forma podemos afirmar que a riqueza e variedade das lendas brasileiras retratam a influência de diversos povos que compõem a nossa cultura e sociedade e seu estudo nos ajuda a compreender um pouco melhor o que é ser brasileiro.

Através delas você se transportará a um mundo de fantasias, onde o desconhecido se faz presente e o certo e o incerto não faz qualquer diferença. Num mundo em que nossas crianças são constantemente bombardeadas com desenhos e informações a quem da nossa realidade, resgatar estas lendas é mais do que nossa obrigação, é um dever de preservar nossa identidade. Por ser o Brasil um país mais extenso, e recheado de lendas e mitos. O contato com as mais diferentes histórias que, por serem regionais, serão difundidas e apreciadas. Algumas são pouco conhecidas, outras fazem parte do nosso dia-a-dia.

Lenda do Boto rosa

Conta a lenda que: uma festa numa cidade à beira de um rio... Uma noite estrelada e com um belíssimo luar... Um casal dançando... Ele, muito elegante, com a pele clara, o corpo bem feito, o rosto bonito e um grande chapéu na cabeça. Ela, o coração batendo rapidamente, paralisada por tamanha beleza. Ninguém jamais o viu. Mas como dança! Bebe, e não fica bêbado! E ele a leva para experimentar momentos inesquecíveis do amor. Depois desaparece. Às vezes, ele volta; mas na maioria das vezes, não.

O Boto, um golfinho que vive nos rios do Norte do Brasil, vira gente para amar as mulheres que encontra pelo caminho. A única coisa que resta são seus filhos, deixado nas barrigas das mulheres. Ele tem a fama de ser grande amante das índias, que são surpreendidas em seus banhos de rio. Em outros momentos, perseguem canoas em que viajam mulheres, chegando a virá-las em busca de suas presas. Mas o Boto é romântico. Ele não as mata. Só as ama. (RADESPIEL, 2003, p. 228).

Lenda do Curupira

Conta a lenda que: dentro da floresta, num rio sinuoso, uma canoa segue com seus passageiros: são pescadores, caçadores ou simples viajantes. Os únicos sons que se ouvem são os dois remos batendo nas águas e o alegre canto dos passarinhos. De repente, ouvem-se pancadas que parecem vir de longe. É o Curupira testando se as árvores resistirão à tempestade e avisando aos habitantes da floresta sobre tormenta que se próxima. Ele é um estranho ser que protege a floresta e todos os animais que nela vivem. É pequeno, tem unhas azuis e pés virados para trás.

Ai daquele que matar ou tentar caçar animais pequenos e fêmeas, derrubar árvores ou judiar da plantas. Para estes, o Curupira reserva castigos terríveis. Para defender a natureza, o Curupira ataca seus inimigos e os castiga de diversas maneiras: Faz com que se percam na floresta ou os engana, parecendo ser uma caça. Porém, o Curupira não é só terror. Ele não persegue aquele que caça por necessidade, mas além de exigir presente pede segredo absoluto. (RADESPIEL, 2003, p. 233).

Lenda da Mula sem cabeça

Conta a lenda que: é noite de quinta para sexta feira. O viajante assustado se apressa para chegar ao seu destino. Ele sabe que é noite da Mula sem cabeça, bicho amaldiçoado, que ataca à tudo e a todos. Diz a lenda que as Mulas sem cabeça são mulheres que mantêm casos amorosos com padres católicos, nas cidades do interior do Brasil, e como castigo recebem esta terrível sina. A mula, que corre sete cidades quando se transforma, ataca sem piedade tudo o que vê pela frente. Ao final da corrida, já de madrugada, cansada e toda ferida, volta a ter sua antiga forma: de mulher.

O encanto só pode ser quebrado por quem lhe causar um ferimento que derrame sangue mas é necessário que ambos, o homem e o bicho, lutem entre si. A mula pode ser um animal negro com uma cruz de cabelos brancos; pode soltar fogo pela calda e pode carregar um freio ferozmente mastigado na boca espumante de sangue. Em todos os casos, porém, é castigo de amante de padre. (RADESPIEL, 2003, p. 232).

Lenda do Lobisomem

Conta a lenda que: é noite de quinta pra sexta feira. Uma chuva fina cai sobre a cidade deserta e um vento forte sopra sobre suas ruas. Um homem caminha depressa pelas ruas mal-iluminadas. Ao ouvir um estranho ruído apressa ainda mais o passo. Porém, sente que está sendo observado. Completamente apavorado, começa a correr. Na esquina vê um vulto escuro. Sentindo que está prestes a si tornar sua vítima, grita por socorro. Mas de nada adianta. Desesperado, cai de joelhos no chão e com os olhos cheios de lágrimas, vê que a criatura ataca. Com uma dentada no pescoço, o Lobisomem suga seu sangue. Seu corpo fica inerte no chão.

Meio bicho, meio gente, a besta sai em disparada para atacar outras possíveis vítimas. Quando o galo começa a cantar, o Lobisomem retoma a sua condição anterior: Volta a ser homem, porém, cansado e com os cotovelos cobertos de sangue. Isolado, fica aguardando a próxima oportunidade em que voltará a atacar suas vítimas. (RADESPIEL, 2003, p. 235).

Lenda da Iara

Conta a lenda que: elas vivem no fundo das águas! Muitas são as histórias desse ser encantado. A Iara é uma lenda do folclore brasileiro comum na Região Amazônica. Dizem que é uma bela mulher, parecida com uma índia de longos cabelos escuros. Ao entardecer, ela sai das profundezas d'água e vem sentar-se numa pedra, onde penteia os longos cabelos com um pente de prata mirando-se num espelho.

O que diferencia a Iara de uma mulher comum é a sua forma: mulher até a cintura e, em vez de pernas humanas, possui uma longa cauda como um peixe. Com uma voz delicada e seu canto maravilhoso, Iara seduz os homens, que hipnotizados, são levados para o fundo dos rios, desaparecendo para sempre. Se você ouvir um belo canto à beira de um rio, cuidado! Pode ser ela, a sereia Iara. (RADESPIEL, 2003, p. 234).

Lenda da Vitória Régia

Conta a lenda que: nas noites de luar a Lua desce à Terra para se casar com uma índia. Esta crença existia na época em que nossas terras eram povoadas por tribos indígenas, onde o masculino e o feminino não existiam como figuras determinadas nas lendas indígenas. A Lua, para eles, era um guerreiro audacioso, valente, belo e forte. As jovens índias queriam conquistar o seu amor para se transformar em estrelas no céu. Ouve uma índia, chamada Naiá, que sonhava com esse maravilhoso guerreiro. Passava noites observando o luar, fascinada com seus raios que banhavam o seu corpo, parecendo os braços fortes do amado.

Muitas vezes Naiá corria pelos campos, com os braços estendidos tentando alcançar a Lua, mas jamais conseguia. Certa noite, doente de paixão; Naiá viu surgir com todo o esplendor a Lua refletida nas águas de um rio. Não pensou duas vezes: imaginando que o amado aparecia para atender aos seus chamados. Naiá atirou-se em seus braços e acabou morrendo no fundo rio. (RADESPIEL, 2003, p. 230).

Lenda do Saci

Conta a lenda que: o Saci é um negrinho e bem barrigudinho; tem uma perna só e em crina de cavalo adora dar nó. Os seus olhos são da cor de fogo, ele adora fazer os outros de bobo. Suas orelhas são de morcego e a mão furada, há apenas três dedos. Usa uma carapuça vermelha na qual esta depositada seu poder sobrenatural. Adora uma travessura, faz mil diabruras, num fica parado. Esse moleque sabido e muito divertido é o Saci que faz todo mundo se meche. Quando estiver sozinho e avistar um redemoinho fique atento, pois a qualquer momento, ele pode aparecer.

Na hora que a mulher está a preparar um delicioso jantar faz questão de apagar o fogo do fogão, provocando com isso uma baita confusão. Coitada da vovó que fica desmanchando o nó do novelo de lã que o danado deixou todo embaraçado. O Saci é mesmo encapetado! Só há um jeito de apanhá-lo, mais é preciso fazer direitinho: em cima do negrinho jogue uma peneira emborcada, coloque-o dentro de uma garrafa tapada, nesse desenhe uma cruz vermelha como o seu capuz. Caso não consiga o Saci prender, tire sua carapuça, pois com ela tirará todo o seu poder. (RADESPIEL, 2003, P. 231).

Lenda da Mandioca

Conta a lenda que: há muito e muitos anos, uma tribo indígena, do estado de Mato Grosso nasceu uma linda indiazinha, diferente das outras, era branca como o lírio e a mais bonita que nasceu por lá. Todos gostavam dela e tinham-na como um ser sobrenatural, pois o espírito branco apareceu em sonhos ao cacique da tribo e lhe disse que Mani era um presente de Tupã. Num triste dia, Mani adoeceu e morreu, sem se saber como. A tristeza reinou na tribo e o desespero foi grande. Os índios choravam muito e enterraram Mani no jardim. Sempre iam ver-lhe a sepultura e ali choravam tanto que as lágrimas molhavam a terra.

O tempo foi passando, certo dia viram que na cova de Mani, nascera uma planta desconhecida. Depois que a planta havia nascido, os índios cavaram a terra e encontraram um tubérculo, e admirado notaram que parecia com o corpo da Mani. Acreditando que era milagre comeram-no, certos de que a planta teria mais vida e vigor para as lutas. Mani agora existia transformada em planta. Era um presente sagrado de tupã . Com carinho e todo cuidado os índios passaram a cultivar o corpo de Mani e chamaram-lhe Manioca. Mandioca foi a deturpação do nome Manioca e significa: “Pão da terra ou carne de Mani”. (RADESPIEL, 2003, p. 229).

3 O FOLCLORE NO BRASIL

Não é possível o conhecimento de um povo, sem conhecer sua cultura, suas raízes, suas tradições, que se vão diluindo com o progresso e com a influência estrangeira. É esse deslumbramento de povo subdesenvolvido (porque isso é subdesenvolvimento) que nos leva a supervalorizar tudo que vem de fora, que não é nosso, subestimando tudo aquilo que é genuinamente nosso e que deve ser defendido, valorizando as características nacionais e preservando as tradições de nosso povo. Nas tradições de um povo está a força de sua nacionalidade. Os anglo-saxões resistiram ao domínio francês, fazendo contar e ouvir os feitos do Rei Arthur, da Távora Redonda; os germanos recorrem ao Nibelung, para resistir à influência cultural francesa; e até os gregos contaram as lendas heróicas, sob pressão turca. Assim afirmam os cultores da história dos povos. E se multiplicariam os exemplos de que só no espírito popular da tradição, nos valores perenes de uma raça, se encontra força para manter-se a liberdade de um povo.

Amálgama das três raças (vermelha, branca e negra), o nosso folclore, sentencia Silvio Romero, “é o caminho mais seguro e mais claro para estudar o processo da formação brasileira, pela análise de suas origens”. E, para o consagrado sociólogo, o genuíno elemento nacional é o mestiço. É esse o brasileiro nato, soma de gerações: elemento assimilador, diferenciador e nacionalizante. O índio e o negro, como o português, são estrangeiros. Assim entende o nosso folclorólogo. Essas três fontes de nacionalidade brasileiras, assim definidas: o índio vencido, o negro cativo e o branco escravizado, embora tão diversas entre si, estavam identificadas por um denominador comum: a melancolia da saudade. Mesmo o índio sofria de saudade, na própria terra em que vivia: a saudade de liberdade, em suas matas. E isso os fazia “cantar e “contar” juntos. Também os uniu o instinto genérico. Contudo, é curioso notar-se que cada um, índio, negro e português, conservava suas tradições, cantando seu povo, seu país, cultivando seus costumes, realizando seus rituais e eternizando-os. E assim, no Brasil, durante o primeiro século da colonização, as tradições das três raças permaneceram diferenciadas. A partir do século XVII, começam as aglutinações e assimilações, num processo de influências recíprocas. E aí tem início a nossa nacionalidade, com sua raça, sua Literatura, criada por Gregório de Matos Guerra, o pai da Literatura

brasileira. Nascido na Bahia, esse poeta notável oferece, em sua obra, um documento precioso de lingüística em nosso folclore, realizando as primeiras transformações que a língua portuguesa clássica, lusitana, como é óbvio, o nosso poeta não ficou alheio aos problemas e à linguagem de seu país, documentado com realismo a sociedade da época, seus costumes, sua política, seus mexericos e sua linguagem em formação e transformação.

No século XVIII, o Arcadismo aproxima os poetas da natureza, e os nossos poetas da Escola Mineira dão nova feição à nossa Literatura e novas perspectivas à nossa nacionalidade, com o despertar da paisagem brasileira, natural, política, social e humana, num apelo à consciência de seu povo. É aí vamos encontrar um autêntico elemento catalizador do nosso folclore, representado pelo celebre Caldas Barbosa, o conhecido Viola de Loreno, divulgador das famosas modinhas, por ele popularizadas, constituindo-se uma bela expressão da tradição folclórica.

O Romantismo vem consolidar a importância do folclore, e desenvolvem-se as pesquisas em torno do tema, valorizado pela Escola Romântica como uma autêntica expressão de nacionalismo.

O folclore varia de região para região, de cultura para cultura. E a riqueza do folclore brasileiro, além das diferentes contribuições das raças que o formam, é a sua variedade de expressão, sua diferenciação, pela vasta extensão do nosso país, motivando o desenvolvimento de características próprias, específicas, em vários locais. Eis por que o folclore do Brasil está dividido em Regiões: do Norte (Amazonas, Pará: a lenda *da Vitória-Régia*, *A Criação do Norte*, *A Iara*, etc.); do Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Maranhão, Bahia, Alagoas, Sergipe, Piauí: *A Caipora* ou o *Caapora*, *O Lobisomem*, *O Barba-ruiva*, *A mula-sem-Cabeça*, etc.); do Centro-Oeste (Mato Grosso, Goiás: *Origem das Estrelas*, *Anhanguera*, *As Lágrimas de Potira*, etc.); do Leste (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais: *O Sonho de Paraguaçu*, *O Segredo de Robério Dias*, *O filho do trovão*, etc.); do Sul (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul: *O negrinho do Pastoreio* entre outras.)

Essas lendas folclóricas, como tantas outras, sofrem influência exterior, ou vão recebendo-a em suas diversas recriações, o que as afasta de sua expressão autêntica, adulterando-as. O Saci tem sido o mais explorado e por isso o mais polimorfo, em nossa mitologia.

O folclore é também fonte recreativa. É necessário, entretanto, observar as superstições e crendices, para não despertar crenças e temores prejudiciais à formação da criança.

O folclore é uma fonte natural de Literatura Infantil e que se enriquece dia a dia, não nos permitindo esgotar o assunto. Nenhuma obra literária sai totalmente acabada das mãos de seu criador, que é o primeiro a aperfeiçoá-la cada vez que a revê. Ele a cria; os críticos a recriam e completam com suas múltiplas interpretações. E quanto mais rica é a obra, maior a sua complexidade e conseqüentemente, suas diversas e diferentes versões. Como diz Almeida (1976, p. 9). O folclore revela o modo de ser, a mentalidade de um grupo primitivo ou popular, exatamente pelas funções que cumpre.

3.1 Os objetivos do folclore

Conhecimento das tradições de um povo de tudo que caracteriza uma região, suas implicações no tempo e no espaço; conhecimento das diferentes áreas de cultura, ocasionando maior enriquecimento cultural; interpretação da psicologia de um povo, através de suas tradições; conhecimento das raízes étnicas de um povo; investigação das sociedades humanas; conhecimento das características dos grupos sociais; conscientização da importância do conhecimento das tradições de um povo; aquisição de subsídios para a distinção entre Literatura Popular e Folclore.

No plano pedagógico, é o mais completo auxiliar didático, pela capacidade de globalização que nele se encontra, oferecendo-nos oportunidade de explorar todas as disciplinas: Linguagem, através do modismo, do paralelo entre as expressões populares e a língua culta, das formas regionais, das expressões clássicas e tradicionais que se fixaram na linguagem, das transformações lingüísticas, etc. Geografia física, economia, política, aspectos topográficos, características dos grupos sociais e sua fixação no espaço, cultura e exploração da terra, formas de trabalho, atividades culturais, etc. História, pelas tradições dos povos e das raças, suas implicações étnicas e éticas, feitos heróicos e sociais, fatos e pessoas que se tornam importantes ou curiosos, acontecimentos locais, etc. Matemática, na aritmética dos pesos e medidas das receitas dos tradicionais bolos e licores, tão artesanais quanto saborosos e apreciados.

A literatura, com os contos que a tradição veicula, através das narrativas folclóricas, orais ou escritas, nas lendas, nos desafios, na riqueza da Literatura de cordel, e na poesia, representada pelas quadrinhas de redondilha. Música, com as cantigas de roda e outras cançõezinhas que tanto enriquecem o acervo infantil. Arte artesanal, riquíssima de temas. Jogos e brincadeiras que o folclore consagrou num rico material lúdico; e até a Ciência, na flora e na fauna que já não se encontram facilmente em nossos dias: as folhagens

que realizam a medicina doméstica, e mesmo certas flores que já não se cultivam, adquirindo um colorido folclórico, como a “boca-de-lobo”, “os brincos-de-princesa”, as “boninas” e tantas outras ...

Muitas crianças, nos dias de hoje, nunca viram (talvez nem ouviram falar) numa ninhada de pintinhos, e desconhecem o processo natural pelo qual é elaborado um ninho, até que os pintinhos furem com seus biquinhos a casca do ovo, em busca da vida cá fora, da luz; nem sabem também que os bois já puxaram carros, os poéticos “carros-de-boi”, cantando seu lamento pelas estradas agrestes de nossa terra.

A cultura popular, assim pensada, está inteiramente relacionada ao estudo da cultura de todos os elementos que constituíram a nossa nacionalidade (sudaneses e bantos, portugueses, negro, índio, italiano, alemães, japoneses, sírio-libaneses e outros). O folclore é por excelência um meio de difusão de conhecimentos da cultura do povo. A escola, através da linguagem oral e escrita, transforma-se em um veículo comunicativo dos contos, provérbios, parlendas, jogos, folguedos, trabalhos manuais, artes e artesanatos, melodias, ritmo e instrumentos, dos valores éticos, morais e estéticos, pela finalidade formativa e pela atitude de patriotismo que comunica. Todas as culturas são componentes do patrimônio comum da humanidade. O folclore deve ser estudado através de suas conseqüências sociais, antropológicas, psicológicas e estéticas, para a noção, envolvimento e vinculação da cultura popular.

Quanto o povo transmite seus conhecimentos, usa como fonte muitas vezes o folclore. É comunicada de boca em boca pelos homens, de natureza anônima, e não conhecendo o autor, não é de ninguém, diz respeito ao povo. Apreciando o folclore de um país podemos compreender o seu povo e a sua história. O folclore brasileiro é um dos mais extraordinário do mundo. Neles, estão as tradições dos distintos povos que constituíram nossa terra, principalmente o indígena, o africano e o europeu. Porém, nem tudo que é popular é folclórico. Para um estilo ser avaliado como folclórico é preciso ter raiz anônima, ou seja, não saber quem o inventou, ser transmitido de geração em geração e ser socialmente, praticado por muitos e não por uma só pessoa. A cultura brasileira recebeu contribuição de diversos povos, o que levou nosso folclore a ter identidade própria, pois resulta de diferentes histórias e costumes.

No Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, ficou deliberado que: constituem fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e

instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de orientação religiosa e filosófica.

3.2 As diversas variedades do folclore

Trava-língua

Palavras uma série de elementos estranhos que a enfeiam e desfiguram o nosso pensamento. Às vezes se tornam intoleráveis. É o caso, por exemplo, da balbriciância que consiste em certo quem observa, com atenção, a linguagem de cada elemento poderá verificar entre os defeitos de dicção e forçam a pessoa a ser hesitante, reticente. E também o caso da gaguez, por vez enervante.

O Folclore, atuando em todo o campo da ação

Os trava-línguas, além de aperfeiçoadores da pronúncia, servem para divertir e provocar disputa entre amigos. São embaraçosos, provocam risos e caçoada. O emissor na prática dos primeiros exercícios parece estar com a língua enrolada. Mas rindo e passando o tempo, prática a boa terapêutica para corrigir seus defeitos.

Geralmente, nos trava-línguas, existe uma diferença de força entre as sílabas de uma palavra; elas tendem a trocar entre si um dos elementos. Num dado momento, um grupo de sons já não pode pronunciar-se e produz a metátese: “Tire o trigo dos três tigres”. Na articulação desta frase um som pode ser antecipado. Este fenômeno explica-se pelo fato de os sons de linguagem interior terem valores humanos, poderá prestar à pessoa que fala mais um de seus benefícios através dos trava-línguas. Os trava-línguas servem para corrigir algumas dificuldades de pronúncia. Aos dislábicos (pessoas que têm dificuldade de articular as palavras) e aos que têm a língua presa, não há melhor remédio que uma boa dosagem de trava-línguas, diferentes: quando pronunciamos uma frase qualquer, todos os elementos vizinhos, que têm um valor igual, ressoam ao mesmo tempo na nossa consciência, tanto os sons que devem ser pronunciados imediatamente, como o que não deve ser pronunciado mais tarde, de modo que estes elementos troquem entre si o seu lugar.

Grande parte dos trava-línguas constitui exemplos de aliteração porque é formada pela repetição da mesma consoante.

Seguem aqui inúmeros trava-línguas para você se divertir.

Os marfagafos

- Em cima daquela árvore tem um ninho de marfagafo,

e quem lá chegar encontrará quatro mafagafinhos
mamando na mafagafa o leite mafagafoso.
E quem o desmafagafar será um grande desmafagafador.

- Em um ninho de mafagafos havia sete mafagafinhos;
quem amafagar mais mafagafinho, bom amafagafanhador será.

- Um ninho de mafagafa, com cinco mafagafinho,
quem desmafagar o ninho, bom desmafagador será.

- Um ninho de mafagafos, com cinco mafagafinho,
quem desmafagafizar os mafagafos, bom desmafagafizador será.

- Num ninho de mafagafos tinha seis mafagafinhos,
quem os desmafagafar será o maior desmafagafador.

- Num ninho de mafagafos, cinco mafagafinhos há!
Quem os desmafagatizá-los, um bom desmafagatizador será.

Aranha

-Num jarro há uma aranha.
Tanto a aranha arranha o jarro
Como o jarro arranha a aranha.
Se a aranha arranha a rã,
se a rã arranha a aranha,
como a aranha arranha a rã?

- Aranha, tatanha, aranha tatinha,
tatú é que arranha a tua casinha.

- A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha.

- A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha;
nem a aranha arranha a jarra nem a jarra arranha a aranha

- A aranha arranha a rã.

A rã arranha a aranha
Nem a aranha arranha a rã
Nem a rã arranha a aranha.

“P”

Pedro Paulo Pereira Pinto,
pequeno pintor português,
pintava portas, paredes,
portais. Porém, pediu para
parar porque preferiu pintar panfletos.
Partindo para Piracicaba,
pintou prateleiras para poder progredir.
Posteriormente, partiu para Pirapora.
Pernotando, prosseguiu para Paranavaí,
pois pretendia praticar pinturas para pessoas pobres.
Porém, pouco praticou,
pois Padre Pafúncio pediu para pintar panelas,
porém, posteriormente pintou pratos para poder pagar promessas.

Sapo

- O sapo Sabino sabia de sua saborosa sopa.
O sapo Sapudo só sabia que o sapo Sabino sabia.
O sapo Sabino não sabia que o sapo Sapudo
sabia que ele sabia.
A saborosa sopa succulenta tinha até polenta.

- Um sapo dentro de um saco,
saco com o sapo dentro,
o sapo batendo papo e o papo cheio de vento.

- Olha o sapo dentro do saco,
o saco com o sapo dentro,
o sapo batendo papo e o pago soltando vento.

Limão

- Meio milhão, dez limões, dois milhões, nove limões,
três milhões, oito limões, quatro milhões, sete limões,
cinco milhões, seis limões, seis milhões, cinco limões,
sete milhões, quatro limões, oito milhões, três limões,
nove milhões, dois limões, dez milhões, meio limão.

- Um limão, dois limões, três limões.

Um limão, dois limões, três limões, meio limão.

4 O FOLCLORE E OS TEMAS ESCOLARES

Existem pessoas que quando ouvem uma mentira, faltam “Ih... isso é folclore!” Mas folclore não é lorota. Tem a ver com as crenças de um grupo ou de um povo. Mistura um pouco de verdade e de criatividade. Nem por isso é pouco importante. Tão sério que há estudiosos do assunto, que são pesquisadores que recebem o nome de folclorista.

Como o folclore é uma forma de conhecimento, são saberes e costumes tornados tradicionais em sua vida social; são as crenças, as lendas, os cantos, a religiosidade, as artes etc..., que contribuem para reforçar os laços de identidade e pertencimento de povo a um determinado espaço e a um grupo social e étnico.

Os costumes folcloristas não param no tempo. Dia após dia eles são atualizados. A exemplo disso, temos os contadores de histórias. Nas áreas rurais é bem conhecida a figura do contador de histórias sertanejo. Mas ele também existe em outros lugares e épocas. Hoje em dia, por exemplo, há o contador de histórias nas escolas, nos teatros e nos museus. O tempo mudou, a forma mudou, mas o contador permanece.

Folclore não é algo imutável, que pertence ao passado, mas acontece hoje em dia, nas brincadeiras que as crianças inventam, por exemplo, nos apelidos que elas criam.

Os laços da literatura infantil com a escola foram indicados antes: ambas são alvos de uns incentivos maciços quando são fortalecidos os ideais da classe média. Para esse grupo, a educação é um meio de ascensão social e a literatura um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização da leitura e do conhecimento (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. Esses aspectos fazem da literatura um elemento educativo embora essa finalidade não esgote sua caracterização. A ficção para a infância engloba um elenco abrangente de temas que respondem a exigências da sociedade, ultrapassando o setor exclusivamente escolar, assim sendo, integra-se intimamente à ficção para crianças, na medida em que ensino e literatura se interpenetrem de diversos modos, variando segundo a concepção como foi entendida a capacidade de os livros serem absorvidos e atualizados pelos professores. Nesse sentido a primeira modalidade a ser examinada é a que mais assemelha e, paradoxalmente, mais se distanciam da escola: trata-se da constituição de um espaço equivalente ao escolar, capaz de, ao mesmo tempo, ser mais

eficiente que a escola. Lobato é o idealizador desse cenário perfeito, que se localiza mais uma vez, no *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

É preciso que a criança viva a sua influência, fique carregando para sempre, através da vida essa, paisagem, essa música, esse descobrimento, essa comunicação...

Só nesses termos interessa falar de literatura infanto-juvenil que. O que constitui é o acervo de livros que, de século em século e de terra em terra as crianças têm descoberto, têm preferido, têm incorporado ao seu mundo, familiarizadas com seus heróis, suas aventuras, até seus hábitos e sua linguagem, sua maneira de sonhar e suas glórias de derrotas. A literatura, ao oposto, não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.

O ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo encontramos. Porque essa literatura primitiva começa por ser utilitária. A princípio, utiliza, a própria palavra como instrumento mágico. Serve-se dela com elemento do ritual, compelindo a natureza, por ordens ou súplicas, louvores, ou encantações, a conceder-lhe o que mais importa, segundo as circunstâncias, ao bem estar humano.

O valor estético vem acrescentar-se, depois, como acessório ao primeiro valor, de interesse imediato. Saber fazê-lo concorre para favorecer o benefício. E implica, também, uma espacialização.

Não há quem não possua entre suas aquisições, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes o substituíram. Em certos casos, eles mesmos foram o conteúdo desses livros.

O livro vem suprir essas ausências. Tudo quanto se aprendia por ouvir contar, hoje se aprende pela leitura. E examinando boa parte dos livros, ainda os melhores, que as crianças utilizam, aí encontram as histórias da carochinha que pertencem ao tesouro geral da humanidade: *as mil e uma noites*, as grandes narrativas que embalam a antiguidade, os contos que Perrault, Mme. d'Aulnoy, os irmãos Grimm recolheram histórias vindas de outras coleções, fragmentos de epopéias, tudo se comprime nesses livros aproximando tempos e países permitindo convívio unânime dos povos.

Os gêneros literários surgem dessas primeiras provas, afeiçoando-se já a fluência das narrativas, aos ritmos do drama, matizando-se em lenda, resumindo-se no breve exemplo do provérbio, gerando todas as outras espécies parece ter sido moda do século XVII esse gosto pelas histórias da carochinha. Mme. d'Aulnoy coligiu também uma dezena dela que em diferentes nomes se vêem circular até hoje nos livros de fadas.

Insistimos neste ponto da permanência do tradicional, na literatura infanto-juvenil tanto oral como escrita, por que por ele vemos um caminho de comunicação humana desde a

infância que, vencendo tempo e as distâncias nos permitem uma identidade de formação. Por essa comunhão de histórias que é uma comunhão de ensinamentos, de estilos de pensar, moralizar e viver, o mundo parece tornar-se fácil, permeável a uma sociabilidade que tanto se discute. Se as religiões tentam realizar a fraternidade estabelecendo princípios que tornam os homens reconhecíveis à luz do seu credo essa moral leiga ajuda a realizar tal fraternidade, estabelecendo uma compreensão recíproca à luz das mesmas experiências milenares, traduzidas em narrativas amenas.

Assim, leituras sagradas; mais que antes foram, também, narrativas orais, a tradição religiosa que, em meio às tradições profanas, são o alimento profundo da humanidade.

Nem todos terão abertos livros na sua infância. Mas quem não terá ouvido uma lenda, uma fabula, um provérbio, uma adivinhação? Quem não terá brincado com uma canção que um dia lhe aparecerá noutra idioma? Quem não terá passado e agido em função de exemplos que são os mesmos que outros povos, de outras eras, provenientes de um esforço análogo do homem para adaptar-se a sua condição na terra. Por esse caminho é a literatura tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa seu primeiro livro antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras recebe-se na infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. Ainda mal acordada, é por essa ponte de sonho que a criança caminha tonta do nascimento na paisagem do seu próprio mistério, essa pedagogia secular explica-lhe em formas poéticas, fluidas com as incertezas tão sugestivas do empirismo, o ambiente que a rodeia – seus habitantes, seu comportamento, sua auréola.

Hoje, por toda à parte temos ainda vivas histórias e lendas pertencentes ao patrimônio oral dos povos. E ousamos dizer que essa é ainda a contribuição mais profunda, na literatura infanto-juvenil. Parlendas, provérbios e adivinhas têm sido um pouco abandonados, na redação escrita, ligadas a jogos, brinquedos e outras práticas. Muitos fizeram pensando na beleza do ensinamento ou na graça da narrativa, sem lhes ocorrer que estavam trabalhando especialmente na infância. Outros, desejando que as crianças viessem a receber essa herança, mas depondo-a na mão dos adultos.

Esse é, pois, o primeiro caso da literatura infanto-juvenil: a redação escrita das tradições orais, o que hoje constitui a disciplina do folclore pode ser a redação direta sem acréscimos, reduções, ou ornamentos que é, por exemplo, a linha que seguia os irmãos Grimm. O segundo caso da literatura infanto-juvenil é o dos livros, que, escritos para uma

determinada criança passaram depois a uso geral como aconteceu com as fábulas de La Fontaine, as aventuras de Telêmaco, de Fénelon, e outros mais.

Por fim, no terceiro caso, é o dos livros não escritos para as crianças, mas que vieram a cair nas suas mãos e dos quais se fizeram depois adaptações, reduções, visando torná-los mais compreensível ao pequeno público.

4.1 A infantilização da criança

Se a aventura tornou-se assunto recorrente na literatura, outra fonte bem-sucedida foi a tematização da infância, que focalizando literalmente crianças, que simbolizando-as através de outras espécies, como bichos e bonecos animados.

A fábula e, depois, o conto de fadas foram às modalidades literárias que procederam à conversão de personagens não humanas, mas antropomorfizadas, em símbolos das vivências e da interioridade da criança. No Brasil, a transposição cômica com Figueiredo Pimentel e prossegue com Monteiro Lobato (criador de *Quindim e Rabicó*), Érico Veríssimo (*Os três porquinhos pobres*), além de que vários outros escritores. Assim, não é de surpreender que histórias desse tipo continuem a encantar crianças até os dias de hoje.

Na maior parte dos livros, a limitação física traduz-se também de modo especial, porque o lugar ideal de todos esses bichos é a casa. Esta simboliza o círculo doméstico a que as crianças devem se submeter. A desobediência coincide com o desejo de fuga, a que se segue o reconhecimento do erro e o retorno ao lugar de origem.

Raramente o animal é motivo para a incorporação do folclore. Há a tentativa de recuperar um acesso lendário que tem nos animais da fauna brasileira os principais agentes de aventuras. Toda via, os textos se ressentem de pesquisa às fontes, preferindo lidar mais uma vez com material de origem européia ou com histórias de animais domésticos. Inspirado no conto de fadas e na fábula, os personagens que tomam a forma animal aparecem em textos comprometidos com a veiculação de valores do mundo adulto e com a conseqüente puerilização da criança. O mesmo ocorre em histórias que conservam a forma primitiva do conto de fadas. Igualmente digna de atenção é a ausência de crianças de carne e osso, bem como de coordenadas espaços-temporais, indicadoras da relação dos contos com uma dada realidade histórica. Para preencher essa lacuna habilita-se um substituto: o boneco animado.

5 DE QUE MANEIRA A CRIANÇA ENTENDE O FOLCLORE NA LITERATURA INFANTIL

Vivemos em um mundo complexo, onde existem cada vez mais coisas a serem conhecidas. Ao nascer, o ser humano já se insere nessa complexidade e tem pela frente a tarefa de desvendar seu próprio ambiente. Se compararmos o mundo de hoje com aquele vivido no início do século XX, vamos perceber uma enorme diferença. Naquela época, não existiam sofisticadas tecnologias como computadores, telefones celulares, meios de transportes como carros, aviões e outras tantas parafernálias que acompanham nosso dia-a-dia.

As crianças pequenas têm o desejo, a curiosidade e a necessidade de compreender o mundo em que vivem. Muitas vezes essa necessidade está ligada à construção de sua identidade. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda mal acordada para a realidade da vida. É por essa ponte de sonho que a criança caminha, tonta, do nascimento, na paisagem do seu próprio mistério. Essa pedagogia secular explica-lhe, em formas poéticas, fluidas, com as incertezas tão sugestivas do empirismo, o ambiente que a rodeia, seus habitantes, seu comportamento, sua auréola.

É na literatura que a criança encontra um rico diálogo que exprime o esforço que faz para tentar compreender a vida. Diversas informações se cruzam, vindas de diversas fontes, demonstrando o quanto às crianças estão atentas ao que os adultos falam, fazem e como se comportam. Assim, quando as crianças se engajam na atividade de ler um livro de literatura infantil, os conteúdos expressos nessas histórias disparam informações e experiências que elas já possuem, criando possibilidades diversas de se problematizar a vida. O reconhecimento dessas questões e a divergência de opiniões entre elas criam um movimento no grupo, que utiliza diversos meios para montar uma explicação razoável. Se bem que essa avidez seja variável, sobretudo nos tempos de hoje, por toda parte temos ainda várias histórias e lendas pertencentes ao patrimônio oral dos povos. E ousamos dizer que essa é ainda a contribuição mais profunda, na Literatura Infantil. Parlendas, provérbios, advinhas têm sido um pouco abandonados, na redação escrita, ligados a jogos, brinquedos e

outras práticas. Os provérbios também tendem a desaparecer: é muito raro encontrá-los na conversação diária, a não ser entre pessoas bastante idosas. As adivinhas também vão escasseando, substituídas por outros entretenimentos.

Naturalmente, na província, onde a vida é mais vagarosa, todas essas formas de Literatura Tradicional têm mais probabilidade de durar. Mas nos grandes centros, onde ninguém mais conversa, onde poucos pensam e as lições de vida parece emanarem só do cinema e do rádio, sente-se falta dessa sabedoria que é o ornamento do homem simples, unido à natureza e aos seus antepassados.

Os que primeiro coligiram essa sabedoria foram, na verdade, uns beneméritos, pois, sem eles, muito mais do que desapareceu teria sumido da memória dos povos ou se teria corrompido a ponto de tornar-se ininteligível. Muitos fizeram-no pensando na beleza do ensinamento, ou na graça da natureza narrativa, sem lhes ocorrer que estavam trabalhando especialmente para a infância. Outros desejavam que as crianças viessem receber essa herança, mas depunham-na mão dos adultos.

Esse é, pois, o primeiro caso de Literatura Infantil: a redação escrita das tradições orais, o que hoje constitui a disciplina do Folclore.

O folclore, fato social, é uma coisa viva, sujeita aos processos normais dos fatos da sociedade, e, portanto, capaz de nascimento, desenvolvimento e morte. Folclore é o que existe e não que existiu ou deixa de existir. Não há notícia nem exemplo de fato folclórico em que não se misturem as mais variadas influências, como não há caso em que o fato folclórico, neste ou naquele ponto, não tenha sofrido adulterações, decorrentes das circunstâncias especiais do ambiente físico e social. (CARNEIRO, 1965, p. 136).

Hoje mais do que nunca, é imprescindível e urgente a impregnação na cultura popular daquilo que se escreve para crianças e jovens, e por duas razões principais, a primeira se prende à urbanização. As pessoas saem de seus lugares de origem, não se contam mais histórias, as brincadeiras de roda, as adivinhas vão se tornando peças de museu; mesmo as cantigas de ninar se perdem, os próprios ditados e expressões saem de circulação; os brinquedos industrializados substituem os feitos pelas próprias crianças.

A segunda razão se prende ao projeto expresso ou implícito da globalização do mundo, visando tornarem-se todos bons e acomodados consumidores de mercadorias quer culturais, quer materiais. Uma literatura infanto-juvenil que brote das fontes populares, incorporando a imagem, a canção, o teatro, o causo, e a resposta mais sólida que se pode dar a massificação da indústria cultural que, de certa forma, procura impedir que nos afirmemos como povo autônomo.

Considerando a criança, o folclore é a melhor forma de verdadeiramente fazê-la penetrar na alma do povo, de conhecer as vidas diferentes do nosso país, de criar uma consciência nacional e o amor as nossas coisas.

Como diz Cunha (1994), sabemos que o povo brasileiro, como muitos outros, vive um intenso processo de colonização cultural. Para comprovar isso basta ler o que diz Bloon (2003, p. 18).

A era da informação tornou a tela mais importante – filmes, televisão e computadores pessoais - e o – book começa a ser uma alternativa para o livro impresso. [...] Sou bastante antiquado e romântico para acreditar que muitas crianças, diante das circunstâncias certas, são leitoras naturais até o momento em que esse instinto é destruído pela mídia. A tirania da tela ameaça qualquer ordem na qual se prefere o valor literário e a sensatez humana ao fluxo constante de informações.

A sociedade nos oferece um mundo pleno de possibilidade, embora seu acesso esteja condicionado a uma série de fatores, onde quem está mais informado, tem maior facilidade de lidar com situações diversas. Daí a necessidade de leitura diversificada, de se procurar entender o que está lendo ou ouvindo, saber-se posicionar. Desenvolver o hábito de leitura é possibilitar no contato com o texto e/ ou com livro, uma melhor compreensão do seu universo, uma vez que as diversas situações vividas pelo leitor lhe permitem aprender a lidar melhor com suas experiências, hábitos, comunicar idéias, pensamentos e intervenções de diversas naturezas.

Para compreensão da história (individual ou social). A leitura exerce um papel de fundamental importância, pois que, sem atribuição de significados aos fenômenos do mundo e às diferentes linguagens que expressam, seríamos incapazes de nos situarmos no contexto social e buscarmos a verdade e/ou seja, nosso crescimento enquanto seres humanos. Dessa forma, podemos desde já, caracterizar a leitura como processo ou prática social que permite a pessoa compreender a sua razão de ser no mundo [...]. Mas especialmente, ler e compreender os objetos e/ ou palavras é sempre uma tentativa de esse compreender como ser situado na história. (SILVA, 1991, p. 75).

A conquista da linguagem, que constitui um enorme avanço no desenvolvimento da criança, especializa sua ação sobre o mundo e, em particular, sobre o outro, enquanto amplia as possíveis pautas interativas e comunicativas com ele.

A leitura é uma necessidade de vida cotidiana, serve para melhorar as relações sociais e familiares entre outras e, é um instrumento para o conhecimento do mundo.

Em diversas situações devemos formular perguntas, estabelecer relações, construir justificativas e desenvolver o espírito de investigação, através da análise de situações cotidianas onde a linguagem está presente. . E por meio delas devemos ser capazes de descrever e interpretar a realidade usando conhecimento da língua para saber representar o que está vendo ou ouvindo.

A linguagem possibilita ao ser humano a construção de relações mais autônomas a criar e recriar seu próprio trabalho, a ter conhecimento de si, o que ajuda redefinir sua relação com o outro.

No caminho percorrido à procura de uma literatura adequada à infância e juventude, observam-se tendências próximas daquelas que já informavam a leitura dos pequenos: dos clássicos, fizeram-se adaptações; do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas até então quase nunca voltados especificamente para crianças.

Perrault e depois os irmãos Grimm, colecionadores dessas histórias folclóricas, estão assim ligados à gênese da literatura infantil.

Só nesses termos interessa falar de literatura infantil. O que constitui é o acervo de livros que, de século em século e de terra em terra, as crianças têm descoberto, têm preferido, têm incorporado ao seu mundo, familiarizadas com seus heróis, suas aventuras até seus hábitos e sua linguagem, sua maneira de sonhar e suas glórias e derrotas. [...]. A literatura não é como tanto supõe um passatempo. É uma nutrição. (MEIRELES, 1984, p. 32).

5.1 Como pode o folclore ser utilizado na escola

Sinto que é de extrema importância a disciplina de literatura infantil nos cursos de Pedagogia, pois ela possibilita ao educador fazer uma reflexão sobre sua práxis. Além disso, oferece recursos para que o professor possa situar-se criticamente diante da realidade histórica, social e cultural que a cerca.

Muitas ciências e disciplinas e artes estão intensamente ligadas ao folclore, e, assim a escola primária dele pode e deve servir-se, como excelente meio de transmissão do conhecimento, ao mesmo tempo em que revelador da cultura do povo.

A sua maior aplicação será no setor da linguagem oral e escrita, com a amplitude dos contos, nos objetivos éticos, morais e estéticos a serem por meio deles atingidos. A criança é conduzida a um mundo de fantasias, no qual o espírito repousa e se encontra. O conto é um veículo educativo, usado nas mais antigas civilizações e do mesmo modo entre os

povos naturais, para realce dos feitos dos seus heróis e das virtudes de seus antepassados. Os provérbios, que representam uma condensação de sabedoria, as adivinhas, que são testes de conhecimento, as parlendas, os jogos, os brinquedos, recriam, estimulam as relações sociais e reafirmam a unidade grupal.

Na história do Brasil, na Geografia e nas ciências, o folclore está presente nas lendas relativas à escravidão, mineração, bandeiras, heróis, os tipos brasileiros e seus traços culturais, nos ambientes em que vivem, como as serras, lagoas e mares com seus mitos, animais, vegetais e minerais.

Em Matemática, há inúmeras fórmulas e outras contribuições em parlendas ou poesias e jogos; no desenho, trabalhos manuais, artes e artesanatos, o uso do material local, com revalorização de seus usos e seus motivos típicos ornamentais; na música, as nossas melodias, ritmo e instrumentos; ainda a dança e o teatro, com apresentações da beleza que possuímos nesses campos.

No ensino Médio e no secundário, passa o folclore ao plano informativo, numa prospecção profunda da cultura, que levará à conclusão consciente de que toda cultura tem uma dignidade e um valor que devem ser respeitados e protegidos: em sua fecunda variedade, em sua diversidade e pela influência recíproca que exercem uma sobre as outras. Todas as culturas fazem parte do patrimônio comum da humanidade.

Na universidade, o folclore deve ser estudado como disciplina autônoma, através de suas implicações antropológicas, sociais, psicológicas e estéticas, para o conhecimento, e profundidade, da cultura popular.

No Brasil, é antiga a lição do aproveitamento do folclore no ensino. Já nas primeiras décadas de nossa vida, os jesuítas o aplicaram com extrema sabedoria na catequese, utilizando as danças e os contos indígenas, e encenando seus autos. Anchieta, nosso primeiro mestre, nos legou esse exemplo, nos campos de Piratininga.

A cultura do povo precisa ser estudada, porque é objetivo de todos os governos dar ao povo melhores condições de vida. Ao comentar a revolução dos nossos tempos, da qual um aspecto é “a luta pelo domínio tanto quanto possível científico do destino humano”, Gilberto Freire considera esse domínio de modo algum obsoleto, pois deve conciliar-se com o daqueles valores de sempre, às vezes superiores à própria ciência e guardados pelos clássicos, pelas igrejas e pelo próprio folclore.

A dinâmica como cultural, já afirmei, se manifesta nas diversas formas de contato entre as culturas, determinando trocas e empréstimos, acolhendo invenções, motivando assimilações, ajustamentos, aculturações,

reinterpretação, transformando constantemente valores pela aceitação coletiva e pela seleção. (ALMEIDA, 1976, p. 12).

Apropriando-se dos recursos que a literatura infantil oferece, com certeza, muitos professores irão criar um espaço de conhecimento reflexivo, de modo que possam, por sua vez, guiar seus alunos na contínua ampliação dos saberes. Como educadores, precisamos estar cientes que a educação também não se preocupa apenas com a preparação das crianças para serem úteis à comunidade, mas como os resultados de seu crescer naturalmente integrados nela. À medida que o professor vai reeducando a sua prática, sente a necessidade de alertar os pais quanto à responsabilidade de contribuir com a escola na formação educacional de seus filhos.

Sabemos que a criança vivencia os ideais e os valores que a família e a escola proporciona a ela. Daí a importância de ambas trabalharem em parceria, valendo-se de suas atitudes para despertar coragem, otimismo, alegria e fé nas crianças, para que elas possam desenvolver a capacidade e o entusiasmo necessários para enfrentar os desafios da vida.

6 ENTENDENDO MELHOR O FOLCLORE

Tal como a língua e a história, conjunto de manifestações da cultura popular tradicional, retrata a alma de um povo, exprimindo sentimentos e valores estéticos que muitas vezes influenciam as expressões mais elaboradas da cultura de cada nação. Não existe definição universalmente aceita para o termo folclore, usado em geral para traduzir as manifestações artísticas dos povos, ou de alguns de seus extratos sociais, que surgem de maneira espontânea e à revelia da cultura oficial. A palavra folclore também se aplica à ciência que estuda essas manifestações.

Até fins do século XVIII, as elites consideravam as expressões da cultura popular, fossem elas danças, sagas ou peças de artesanato, como produtos da ignorância, desconhecimento das ciências e artes, patrimônio das classes superiores. No início do século XIX, alguns estudiosos começaram a valorizar certas criações populares como a poesia, na qual encontravam um frescor e uma profundidade que constatava como o jornalismo e a rigidez da arte acadêmica.

O filósofo alemão Johann Gottfried von Herder observou que a literatura “popular” é um “arquivo” imaterial onde os povos conservam sua memória coletiva. Foram os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que, nas coletâneas *Kinder-und Hausmarchen* (1812-1822; contos para crianças e para o lar) e em *Deutsche Mythologie* (1835; Mitologia alemã), mostraram que as fábulas populares não só encerram interesse literário, como também contêm, não raro, chaves que permitem o acesso às mais antigas crenças religiosas.

Essa relação entre literatura folclórica e a história das religiões foi logo corroborada pelo descobrimento da antiga língua sânscrita, cujo parentesco com os idiomas europeus não tardou a ser demonstrado. Em meados do século XIX, o filósofo Max Muller chegou à conclusão de que as narrativas populares continham os restos da antiga religião dos povos arianos, ocultos pela evolução da linguagem. Em 1846, o inglês William John Thoms propôs substituir os termos um tanto pejorativo que então se usava para designar as artes populares pelo vocábulo anglo-saxão *folklore* (de *folk*, “povo”, e *lore*, “saber ou conhecimento tradicional”).

- **O Folclore e a Literatura:** mitos, poemas, contos, adivinhas, canções, sagas, ritos e provérbios transmitidos por via oral são modalidades de literatura folclórica. Essas formas literárias são objeto de incontáveis repetições de ante de platéias que, apesar de as conhecerem desde sempre, continuam a ouvi-las com deleite. Após a invenção da escrita, três ou quatro mil anos antes Cristo, formou-se uma cultura própria das classes superiores que se utilizavam os textos escritos, enquanto o povo humilde e iletrado continuava a repetir e a recriar os temas mais antigos.

Todavia, essa divisão entre cultura superior e cultura popular não foi absoluta, porque assim como muitos elementos da cultura oficial têm sido usados pelo folclore, e também freqüente que artistas e escritores recorram a este como fonte de idéias e procedimentos. Por vezes, grandes obras da literatura oral, depois de escritas, converte-se em monumentos de arte, como ocorreu com as obras de Homero.

A expressão mais profunda da literatura folclórica talvez sejam os contos, cuja origem remota às épocas mais remotas. Ao contrário dos mitos e das fábulas, os contos não precisam ser criados por alguém, e por isso, ao mesmo tempo em que respeitam as convenções culturais, podem apresentar uma enorme variedade de temas. As narrativas dos irmãos Grimm e de Charles Perrault (*A gata Borralheira*, *Chapeuzinho Vermelho*, etc.) são apenas alguns dos contos folclóricos mais conhecidos, especialmente após sua difusão escrita. Relacionadas com contos são as fábulas folclóricas cujos personagens são quase sempre animais, e das quais se pode extrair um preceito moral ou social. Não só os contos também as fábulas e os grandes poemas populares têm sido objeto de numerosos estudos científicos e constituem a base de arquivos nacionais cada vez mais ricos.

- **O Folclore, a Música e a Dança:** todas as culturas criaram formas musicais para acompanhar seus trabalhos ritos e festas. Os folcloristas acreditam que tais canções sejam fruto de criações individuais, mesmo que depois apresentem alterações introduzidas por seus usuários. O intercâmbio de melodias entre países e povos vizinhos não os impede de ter suas próprias criações musicais, acompanhadas de instrumentos também típicos.

A música folclórica é geralmente monofônica (executada por uma só voz), embora em algumas partes do mundo sejam comuns as canções para duas ou mais vozes. Cumpre distinguir essa música folclórica da que se denomina popular ou ligeira, composta por profissionais para enormes platéias, e que é um fenômeno que data somente do século XIX. Mais difícil é delimitar a área exata das danças folclóricas, que para alguns são apenas as que têm funções mágicas ou econômicas, e para outros todas as que foram criadas por

algum povo, de maneira espontânea, em suas atividades cotidianas. Uma terceira concepção pretende que as danças populares constituam a origem de manifestações elaboradas, como o flamenco andaluz ou as danças da Índia, que requerem grande especialização. Na origem das danças folclóricas encontram-se sobrevivências de ritos pré-históricos, ainda que em muitas seja também evidente a contribuição das novas religiões, como a cristã.

- O Folclore e as Criações materiais: o acervo das obras do folclore inclui ainda objetos até obras arquitetônicas. Seus criadores os produzem para algum uso imediato com os materiais mais à mão, seguindo modelos tradicionais que nenhum artesão costuma desrespeitar. A arquitetura folclórica, de que há exemplos em quase todo planeta, tem uma orientação predominantemente doméstica, embora também existam construções populares para usos religiosos, públicos ou utilitários, como no caso dos celeiros galegos. Existe uma pintura folclórica que se adapta aos mais diversos objetos, como móveis, imagens de santos e até exteriores de casas. As classes populares também criaram uma arte religiosa própria, que pode ser vista nos presépios cristãos ou nas margens das divindades hindus.

- Folclore e a Literatura oral: entre os exemplos de literatura oral no Brasil contam-se poesias (*cancioneiros, desafios, testamentos de Judas*), narrativas (contos, fábulas, mitos e lendas a que se podem acrescentar histórias como *a Donzela Teodora e os pares da França*), romances (*a Bela Infanta, o Soldado Jogador, a Nau Catarineta*) e gestas enigmas e adivinhas, anedotas, trava-línguas (*um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos, a aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha*), missivas como o *pão-por-Deus* Catarinense, provérbios e comparações (*cotia ficou sem rabo de fazer favor, o direito do anzol é ser torto, antes fanhoso do que sem nariz*), os pasquins manuscritos, os abecês e, em geral, a literatura de cordel.

-Folclore Infantil : Na área do folclore infantil inserem-se as rondas (*cirandinha, ponte da vingança, a linda rosa juvenil*), parlendas (*bão-balalão, senhor capitão, espada na cinta ginete na mão*), mnemônicas (*um, dois, feijão com arroz*), formuletes para o pegador ou animal o brinquedo (*pra mim já pode cara de bode*), jogos de salão ou ao ar livre (*berlinda, anel, amigo, amiga, amarelinha, carniça, gude*), teatro das crianças.

- O folclore, as Crenças e Superstições: Entre as crenças as superstições alinham-se prenúncio (*derramar pó de café: zanga na certa; colher caindo no chão visita de mulher*),

agouros (*o pio da coruja, o uivo do cão, o número 13, a sexta-feira e o gato preto*), os demônios, a magia (*bruxarias, adivinhações, profecias, sortes mágicas*), concepções do mundo e da vida, cultos e devoções (*são Gonçalo violeiro, casa monteiro das velhas*) e os tipos humanos por eles criados, taumaturgos, beatos e fanáticos.

- **O Folclore e a Lúdica:** Entre as diversões cabe citar jogos e sorte (*capoeira, maculelê*), danças e bailes (*samba de umbigada, Moçambique, chimarrita, ciriri, cana-verde*), cortejos, como as folias de Reis e do Divino, escolas de samba, ternos, ranchos, autos dramáticos cômicos (*cheganças, cavalcadas de mouros e cristãos, reisados, congadas, bumba-meu-boi*), o teatro de bonecos (*mamulengos*) e as festas tradicionais do calendário católico, como São João, carnaval, São Benedito, a Senhora do Rosário, o Círio de Nazaré.

- **O Folclore, as Artes e Técnicas:** No campo das realizações materiais incluem-se as pinturas, a escultura (*madeira, ferro, balata, guaraná, ex-votos*), as cerâmicas utilitárias, decorativas e figurativas, a decoração doméstica, a vestimenta do vaqueiro, da baiana, de gaúcho, adornos pessoais, técnicas de construção (*casas de sapado, barracos e pernas-de-pau*), os artesanatos de renda e bordados, de chapéus, redes, utensílios de pesca, cestos, gaiolas, bonecos e brinquedos (*de pano, de capim, miolo de pão, madeira, lata ou papelão*).

- **O Folclore e a Música:** São inúmeros no Brasil as manifestações de música vocal e instrumental, além de instrumentos típicos (*tambor, cuíca, berimbau, viola de cocho, rabeca*) e os conjuntos instrumentais (*Zé-Pereira, banda cabaçal e outros*).

- **O folclore, os Usos e Costumes:** Áreas de riquíssima diversidade são a dos costumes agrícolas (*mutirão*) e pecuários (*apartação*), e especialmente na alimentação (com destaque para a doçaria, os cordiais e as aguardentes), a culinária (*caruru e vatapá na Bahia, tacacá no Pará, arroz de cuxá no Maranhão, barreado no Paraná, maniçoba no Nordeste*), os mundéus, as armadilhas de caça e pesca, a medicina e chás, pomadas, mezinhas, rezas e benzimentos, o comércio (*o bolicho da fronteira oeste, o flutuante do Amazonas, as breganhas de Taubaté*) e o transporte (*carro de bois, o reboque amazônico, o boi de sela de Marajó e do Pantanal*), as cerimônias rituais, chamadas ritos de passagem, que marcam nascimento, batismo, primeira comunhão, noivado, casamento e morte (*enselenças e gurufim*).

- O Folclore e a Linguagem: Na vasta área da linguagem gestual e verbal, citem-se a mímica, a metáfora, na suplementação da deficiência vocabular, os nomes, apelidos ou cognomes, as frases feitas (“comer o pão que o diabo amassou”, “tirar o cavalo da chuva”, “botar o carro adiante dos bois”), as formas de tratamento ou etiquetas, os apelidos naturais de estados ou cidades (papa-goiaba, barriga-verde, “campista, nem a prazo, nem a vista”), a gíria e as linguagens especiais, quase sempre de ladrões de embarcações, de motoristas.

Enumeram-se ainda as rinhas de galos, os papagaios de papel, o jogo de osso, pios que imitam aves, os contos de trabalho, o serra a velha, o pau-de-sebo, os amuletos (olhos de boto, figas, patuás), o jantar dos cachorros a encomendação das almas, o carimbó, gigantões, carrancas de proa, ladainhas e procissões para pedir chuva.

7 CONCLUSÃO

Após os estudos bibliográficos feitos, foi possível constatar que, à percepção do mundo, com a literatura, dá-se aos poucos, num processo gradativo de estímulo positivo do professor para com seu aluno e das percepções particulares de cada leitor, que vai construindo, completando os vazios de interpretação que o próprio texto oferece. Tais vazios vão se mostrando de acordo com a concepção de cada cognição: mente e sensibilidade. Em outras palavras razões e emoções.

O gosto pela leitura e pela literatura infanto-juvenil parte de um grau de percepção que se altera, que se conforma e que vai construindo uma consciência a partir de elementos anteriores ao processo de leitura que se evidenciam durante o processo da mesma e após ele, numa contínua construção positiva ao longo da vida.

Ficou claro pelos estudos feitos que, o folclore naturalmente inserido à literatura infantil, pede esforço maior, tanto no plano individual como no coletivo (família/ educador), para reintegrar e valorizar o folclore na vida cotidiana. Temos nos limitado a trabalhar o folclore isoladamente, quando folclore, mesmo que em ritmo de transformação social, tal qual nosso país, nada mais é do que a essência do povo; sua cultura.

O enfoque desta pesquisa ficou claro que temos que levar o folclore ao campo da Educação Infantil, no Ensino Médio e Superior.

Muita coisa resta a fazer, até que possamos considerar pelo menos bem encaminhada, segura, indestrutível, a tarefa que nos impusemos. Estudiosos e participantes da cultura popular, deveríamos e devemos estar alerta às repercussões dessa evolução social naquelas camadas que guarda e o depositário das tradições, dos usos e costumes, da arte, enfim, de todas as manifestações a que, nas sociedades civilizadas, chamamos folclore. E não somente alerta, mas equipados para atendê-las e para obstar que os justos anseios de independência e de sabedoria da nação sacrifiquem exatamente à fonte viva da nacionalidade, demolindo o seu folclore.

Para compreender que tanto as Lendas como as histórias levam o pequeno leitor a vivenciar na literatura, pelo mundo mágico, conflitos que são seus e que precisam ser conhecidos, enfrentados, resolvidos e vencidos. Torna-se necessário lembrar que a literatura infanto-juvenil mais antiga era conservadora, bem como a forma que era abordada

em sala de aula. Com função “pedagogizante”: moldava o aluno, pregando obediência aos pais e submissão aos professores. Cabe ao professor a decisão do que é melhor e mais desejável para um ou outro contingente de crianças e jovem, pois é ele quem deve conhecer a realidade das crianças com as quais está em contato pedagógico.

Zilberman e Magalhães (1987), discutem “verdades construídas” que repassamos de uma educação anterior condicionante, estão presentes na maioria dos textos destinados às crianças e jovens que Brasil se evidenciam as publicações de Monteiro Lobato; Isto porque, até então nas décadas de 1920 a 1940, principalmente, à dominação cultural era registrada em obras a fim de moralizar, educar, informar, transmitir conhecimentos e comportamentos exemplares. Aí temos claramente a noção de que havia autoritarismo na literatura e nos contos de fadas, enquanto vista como formadora de conceitos; a mocinha é caracterizada como bela e dócil, a personagem má e feia e desprezível... essas são questões que demonstram veracidade até mesmo nas histórias folclóricas dos dias atuais. Cabe ao professor essencialmente procurar interpretar com o aluno, outras culturas, outras linguagens, pesquisar a origem e a história de vida de cada aluno, desenvolver trabalhos que valorizem a sua identidade cultural, levar ao aluno outras realidades ao lado da leitura de obras que apresentam temas atuais e de obras que fazem a redescoberta de obras literárias do passado.

Todo fenômeno cultural nasce, vive, morre, palpita como um organismo vivo. E se, até agora, a era do esplendor que vive o folclore, resultou do nosso trabalho, da nossa dedicação, do nosso entusiasmo, somente se não estivermos à altura das nossas futuras tarefas poderá acontecer que o folclore se deforme ou se deturpe. Mudará de forma, acrescentará ou diminuirá elementos no seu conteúdo, por força das imposições sociais. Mas somente se não estivermos vigilantes; somente se não soubermos manter em nossas mãos a sua defesa, somente se renunciarmos à nossa posição de vanguarda, poderá o folclore sofrer deformações ou deturpações deliberadas e conscientes por parte de pessoas ou de grupos de opiniões. Não se pede que os educadores ou folcloristas abram mão de atitudes lírica, de puro amor às tradições populares que tanta ternura humana comunica aos seus estudos e as suas realizações. Mas ao lado desse necessário lirismo, devemos alimenta um realismo, um senso de oportunidade, capaz de assegurar ao folclore, no mesmo ritmo das transformações sociais que se operam no Brasil, uma posição permanente nos sentimentos, nas atitudes, nas preocupações de todos os brasileiros.

Precisamos levantar o Atlas folclórico do nosso país, preparar o terreno para as pesquisas, às análises e as interpretações que virão qualificar e justificar o nosso trabalho, levando-o a nível superior.

Devemos diversificar os nossos esforços, estudando, coletando, divulgando o folclore em nossos selos postais, na mídia, reavivando dentro da própria escola nas festas comemorativas, o resgate de nossa riqueza maior; nossa riqueza maior.

E, finalmente, devemos ter mais confiança de se trabalhar o tema, durante o ano letivo, contextualizando-se aos PCNs e não de forma estanque (somente em datas comemorativas).

Devemos fazê-lo com a mesma atitude lírica com que amamos as coisas populares, mas também com atitude realista que nossas condições sociais exigem, de tal modo que dentro de pouco tempo a seiva da nacionalidade, aquele entre todos os elementos culturais que mais resistem às seduições da moda, possa garantir ao nosso povo as características peculiares, a sua identidade, ou seu jeito de ser, ao mesmo tempo nacional, universal e humano.

A crise da literatura infantil é uma conseqüência da crise geral em que passamos. No entanto, nunca foi tão necessário traçar normas que conduzissem a criança de hoje a uma formação que, sem lhe roubar esse alimento indispensável das obras eternas, lhe assegurasse um poder de flexibilidade de espírito para compreenderem as situações que terá que enfrentar dia-a-dia, no futuro, e entre as quais deveras acomodar harmoniosamente sua vida.

Universalizar à Literatura Infantil, dando-lhe um conteúdo que a formação desse “humanismo” de que sentimos tanta falta nas gerações desses últimos tempos...

Organizar grandes antologias, talvez fosse uma contribuição feliz, para colocar as mais belas páginas do mundo ao alcance de todas as crianças.

Biografia de grandes vultos contemporâneos, que atuassem com a força de uma realidade próxima, palpitante, em continuação às vidas ilustres do passado....

Mas os tempos mudam. E, ainda quando os homens não percam sua identidade, e um constante anseio de grandeza e nobreza os impulsione a épocas de crise, em que esses valores sejam negados e substituídos por outros, ainda que temporários, veementes.

As crianças demonstram que ainda gostam de histórias, sejam folclóricas ou não. Gostam de histórias ricas de conteúdo humano, prova ou a escolha que tem feito, através dos tempos entre livros variados. Que são sensíveis à arte literária, a certos requintes de técnicas, basta ouvir-se as crianças relatando alguns fatos que recordam em sala de aula, nas rodinhas de histórias.

Um livro de literatura infantil é, antes de qualquer coisa, uma obra literária. Se a criança desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito.

Gostaríamos de concluir citando o que pensava Meirelles (1984, p. 8) “Quando eu ainda não sabia ler, brincava com os livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renato. *Folclore*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.
- BLOON, H. *Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- BRASIL, *Constituição da República Federativa*: promulgada em 5 de outubro de 1988/ obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antônio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes. 35. ed atual. São Paulo: Saraiva, 2005.
- CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.
- CARVALHO, B. V. de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 6 ed. São Paulo: Global, 1989.
- COELHO, Nelly Novais. *A literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, M. A. A. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1994.
- FÊLIX, Joana d'Arc Bicalho. Org e outros. *Aprendendo a aprender*. Brasília: UniCEUB, 2005. v. 10.
- LIVRO guia nº4. *Estágio curricular supervisionado*. Brasília: UniCEUB, 2005.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.
- OLIVEIRA, Jorge Leite de. *Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PCNs Brasil. *Parâmetros curriculares nacionais*. Ministério de Educação, Secretaria da Educação: Brasília, 1997.
- E. C.01. Ceilândia Sul. *Projeto Político Pedagógico*. Brasília, 2004.
- RADESPIEL, Maria. *Alfabetização sem segredos: 2º ciclo. 4ª série*. Minas Gerais: Iemar, 2003.
- SILVA, Ezequiel Teodoro. *De olhos abertos: reflexão sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- ZILBERMAN, R. , LAJOLO, M. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ZILBERMAN, R. , MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.